Ano X — Lisboa, Setembro-Outubro de 1954 — N.os 113 e 114

REDACÇÃO E ADMINISTRAÇÃO:
Trav. de Vitorino de Freitas, 9
AJUDA — LISBOA
TELEFONES
Red. 36607 — Admin. 38849

SEMPRE PRONTO

MENSÁRIO ESCOTISTA

NÚMERO DUPLO AVULSO 3$00
Assinaturas { De 12 números 18$00 / De 6 números 9$00

Director e Editor
Eduardo Ribeiro
Administrador
Capitolino Ferreira Macedo
Redactor principal
Joel Ribeiro

COMP. E IMP. OTTOSGRÁFICA, LTD. / C. BARÃO, 50 ● PROPRIEDADE DO CÍRCULO FRATERNAL DE COOPERAÇÃO ESCOTISTA (EM ORGANIZAÇÃO)



Foram nove belos dias de acampamento em que todos deram óptimas provas de camaradagem — afirma-nos o Chefe Albano da Silva ao confiar-nos as impressões do Acampamento Internacional de Patrulhas

Na deslocação dos escoteiros portugueses ao Acampamento Internacional de Patrulhas, no Brasil, teve acção preponderante no êxito desse empreendimento, o chefe sr. Albano da Silva, nosso estimado amigo, que foi escolhido, com toda a justiça, para o difícil encargo de chefiar essa Delegação.

Como desejássemos ouvir directamente a sua opinião sobre o notável acontecimento, convidámo-lo a confiar-nos as suas impressões, a que acedeu com toda a prontidão.

E assim surgiu a primeira pergunta:

— Diga-nos, chefe Albano da Silva, mereceu realmente a pena ir ao Brasil?

— Mereceu, — responde o nosso amigo peremptòriamente. — Os nossos escoteiros tiveram uma oportunidade excelente de confraternizar com os seus irmãos brasileiros e de outras nações representadas e de, junto deles, prestigiar o escotismo português e o nome de Portugal. Mas, sobretudo, mereceu a pena para levar um abraço de saudade dos portugueses aos muitos portugueses que pelas terras brasileiras labutam. Aos nossos escoteiros foi dado o privilégio, a bem poucos naturalmente concedido, de conviver com portugueses de todas as camadas sociais e de verificar o quanto todos eles se alegram com as boas notícias e quanto eles sofrem com as más notícias da Pátria. Um pensamento comum os une: prestigiar Portugal. E bem alto é, na verdade, o prestígio de que ali disfruta Portugal e o seu Governo. Em todas as casas que nos foi dado frequentar, de ricos e não ricos, havia motivos de Portugal. Ali se via, parece-nos, a verdadeira casa portuguesa de que a canção nos fala.

«Quero contar-lhe, para que possa avaliar a dedicação pela Pátria dos portugueses do Brasil, o que se passou com uma simpática velhinha de 74 anos, mãe do chefe João Mós, que se ofereceu para passar a ferro a bandeira de seda que empunhámos no desfile, ostentando as condecorações com que a nossa Associação foi distinguida: a Ordem de Benemerência e Cruz Vermelha de Mérito. Com que carinho ela o fez e como ficou linda! Quando fomos agradecer a essa senhora e lhe fizemos entrega de um vaso com uma planta, para que, ao cuidar dela, sentisse a nossa amizade, a nossa ternura e a nossa gratidão, ela então mostrou-nos, guardada num pequeno cofre, uma porção de terra de Portugal, que há muitos anos levou para o Brasil e que religiosamente conserva.

«Ao despedirmo-nos e ao beijar-lhe respeitosamente a mão, beijou-nos, incumbindo-nos de dar um grande abraço a Portugal, terra que, com certeza, já não voltaria a ver, mas para a qual pedia, incessantemente, as bênçãos de Deus. E ao deixar-nos, a simpática e querida velhinha, tanto ela, como seu filho, como nós, nos encontrávamos sinceramente comovidos».

— Ouvimos dizer que no Rio de Janeiro se juntam sempre muitos compatriotas nossos a esperar os paquetes portugueses para saber notícias da Pátria?

— É certo, e não imagina o entusiasmo com que eles saudaram o «Santa Maria» e nos saudaram a nós quando lhes acenámos com pequenas bandeiras da nossa Pátria. Nós éramos portadores de 300 para serem distribuídas na ocasião do acampamento a escoteiros de outros países e a portugueses que nos visitassem. Parte delas, porém, foram-nos solicitadas no momento da chegada ao Rio, quando os escoteiros estavam saudando os seus camaradas que ainda se encon-

(Continua na 2.ª página)



A marcha-canção dedicada a São Paulo foi cantada com emoção pelos 14 rapazes

Foram nove belos dias de acampamento em que todos deram óptimas provas de camaradagem

(Continuação da 1.ª página)

travam em terra. Eram, sobretudo, os emigrantes que no-las pediam para em primeiro lugar saudarem as pessoas de família e os amigos que os cumprimentavam no cais e para as levarem e as guardarem consigo, como lembrança muito preciosa da Pátria que haviam deixado e da qual já se sentiam saudosos».

— O chefe encontrava-se no Brasil quando recebeu a notícia da invasão do território português na Índia?

— É verdade, foi no dia da inauguração do acampamento, precisamente quando já estávamos na arena central, ouvindo as palavras do chefe nacional que precederam o hasteamento das bandeiras de todas as nações ali representadas. E quando ele nos dizia para que, ao subir as bandeiras dos nossos países, todos nos lembrássemos das nossas respectivas Pátrias, acercou-se de nós um jornalista português que nos deu a má notícia da invasão do território português na Índia.

«Não sei se será fácil aqui avaliar-se o estado de agitação em que ficámos e não omitimos que foi chorando, com as lágrimas caindo copiosamente, que vimos subir no mastro o Pavilhão das Quinas, o símbolo do nosso querido Portugal. No pavilhão de honra encontrava-se o secretário executivo do acampamento, o chefe João Mós, português, residente no Brasil há trinta anos, um dos incansáveis organizadores do acampamento. Também ele estava chorando, como chorando estava também um chefe argentino, nascido em Portugal, filho de pais portugueses e até antigo escoteiro de Portugal.



João Mós

«As cenas de emoção sucederam-se, pois, no desfile pelas ruas da cidade, numerosos portugueses ao verem os nossos rapazes tributavam-lhes ovações semelhantes, segundo se disse, àquelas que semanas antes foram prestadas aos briosos marinheiros da nossa Armada».

— E qual foi o comportamento dos seus subordinados no acampamento?

— Senti bem a minha responsabilidade. Era preciso que nem um milímetro descesse o grande prestígio de que no Brasil goza o nosso País. Por isso exigi muito dos que me foram dados com a classificação de «non plus ultra» e exigi imenso dos novos com pouca preparação.

«Os rapazes corresponderam. Todos contribuíram com o seu quinhão para se conseguir apresentar uma turma que prestigiou a A. E. P. e honrou o País. Dizem que foram os melhores. Não devo ir tão longe na classificação. Em todo o caso não foram inferiores aos outros e no paquete, nos hotéis e até nos salões que frequentaram, comportaram-se de modo a só merecerem louvores. E, como sabem, isto de estar à mesa e não sorver a sopa nem esgrimir com os talheres nem beber com os cotovelos grudados à mesa, não é para todos! Até nos bailes fizeram figura.

«Enfim, só não fui para eles um «pai piegas» nem um chefe semelhante àqueles que só atendem à sua popularidade.

«Foram sobretudo nove belos dias de acampamento, em que todos deram óptimas provas de camaradagem. Em documento que espontâneamente nos foi entregue pelo competentíssimo chefe brasileiro J. Spina, ao qual já se tem chamado «o Baden-Powell do Brasil», se afirma que a Delegação que melhor o impressionou em São Paulo, foi a constituída pelos bravos escoteiros portugueses. Frequentemente se afirmava que os portugueses constituíam, na verdade, uma excelente turma, e acrescentava-se, por vezes, e com graça, «muito bem apresentados e com aspecto de muito bem alimentados».

— E no fogo do conselho, como se portaram os portugueses?

— Bem, muito bem. Dizia-se que eram os mais ovacionados. Não medi a intensidade nem a duração dos aplausos. Parece-me, no entanto, que havia por eles especial simpatia. O número que particularmente agradou: o vira cantado e dançado. Pena foi que não se tivesse levado indumentária adequada.

«A marcha-canção da autoria do chefe Pina, dedicada a São Paulo, causou sucesso e foi muito bem cantada pelos 14 rapazes, verdadeiramente com emoção e aplaudida no momento em que se prestou homenagem à Cidade.

«Quero contar-lhe um facto curioso — diz-nos o chefe Albano da Silva. — O nosso material, especialmente os baldes, chuveiros, lavatórios e bacias de lona, causaram enorme sucesso e provocaram um assalto de freguesia. Um chefe boliviano não me largou enquanto não lhe fiz venda de um chuveiro, que queria levar, não para usar, mas como trofeu! Aos chefes brasileiros (Mós, Geraldo, Vasconcelos, Dias e outros), fiz oferta de várias peças de material. Havia pretendentes às tendas de campanha, aos sacos-mochila, às marmitas... O meu saco de dormir foi vendido a um sacerdote boliviano, que me tentou a fazê-lo, começando por me dar um cálice de cachaça e me levou à sua tenda já depois do toque de silêncio. Ainda perdi no negócio, pois fui levado a fazer um desconto apreciável, entregando ainda como «bónus» o canivete cromado que o Wolfgang Karl me oferecera no momento da partida para o Brasil».

Aproveitando o entusiasmo com que o chefe Albano nos falava, atrevemo-nos a fazer mais perguntas:

— Que tal foi a vida no campo?

O nosso entrevistado, retomando o fio da conversa, continua:

— Os rapazes, as patrulhas, viviam a sua vida, e nós, Dirigentes, vivíamos a nossa, confraternizando, trocando úteis impressões, ouvindo até desabafos. Alguns entretinham-se também com as permutas de artigos de uniforme, insígnias, etc.. Nisso é que houve talvez concorrência desleal aos rapazes e da parte de alguns parece-me mesmo que era essa a sua principal preocupação. Não sei se felizmente ou infelizmente nunca me senti inclinado a essas trocas...

«Houve realmente muitos adultos no Acampamento, mas disso deve ter resultado vantagem. Por mim falo. Afastado das lides campistas há cerca de 21 anos, soube-me bem, fez-me certamente bem, viver naquele ambiente saudável, sob todos os aspectos, durante nove dias. Confesso que tencionava, à cautela, ficar no Acampamento apenas dois ou três dias. Afinal deixei-me ficar, positivamente encantado, durante todo o período do acampamento. Na tenda onde me instalaram, encontrava-se também o Chefe Nacional dos Escoteiros da Bolívia, o Chefe da Região do Estado do Rio e o Chefe Regional do Distrito Federal. Encontrava-me, portanto, em óptima companhia».

— Qual foi a Delegação que mais lhe agradou?

— Foi a do Rio Grande do Sul.

— A Imprensa acolheu bem os escoteiros portugueses?

— Muito bem. Até um jornal que habitualmente ou ignora ou se refere pouco amàvelmente às coisas

(Conclui na 3.ª página)

Foram nove belos dias de acampamento em que todos deram óptimas provas de camaradagem

(Conclusão da 2.ª página)

e figuras de Portugal, desta vez abriu as suas colunas para registar a presença dos representantes da juventude de Portugal, e bem amável foi nas suas referências. Causou espanto o facto.

— E quanto à saúde dos nossos rapazes?

— Na viagem de ida tivemos gripes e enjoos. À volta a furunculose do Calado (pobrezito com 7 furúnculos na barriga) e doença de sono que a todos atacou, talvez por virem cansados do descanso... Enjoos não houve.

— Como encontrou o nosso dedicado representante no Brasil, o chefe David de Barros?

— Com que emoção o abraçámos. Não o víamos há 25 anos. Está menos novo, mas com a cabeça em óptimas condições. Lá e cá é estimado, é ouvido e considerado. É um valor com que se conta. Sabem todos como ele se referiu à nossa Delegação. Dedicámos-lhe uma despedida especial na antevéspera do seu internamento numa Casa de Saúde para se submeter a uma operação de cirurgia.



David de Barros

«Não foi só com David de Barros que voltei a encontrar-me 25 anos depois. Em Interlagos «descobri» Luiz Pezoa Guzmán».

— Já tivemos também o prazer de o conhecer no «Jamboree» da Áustria — atalhámos nós.

— Pois em 1929 em Birkenhead os chefes chilenos e portugueses confraternizaram de modo especial. Eu tomava as minhas refeições na cantina dos Dirigentes e os camaradas chilenos Guzmán, Vergara e Wilson (este já falecido), gentilmente nos convidavam sempre para a sua mesa: «Eh! portuguesito, vem para aqui», gritavam eles.

«Guzmán voltou a recordar a sua passagem por Lisboa em 1929 e perguntou-me com muito interesse pelo dr. Tovar de Lemos, que era nosso Comissário Nacional nessa ocasião e que foi o chefe da Delegação de Portugal (contingentes da A. E. P. e do C. N. E.).

«Guzmán e eu marcámos novo encontro em 1957 por ocasião da reunião internacional que se leva a efeito em Inglaterra para comemorar o Centenário do nascimento de B.-P. e o 50.º aniversário do Escotismo».

— E fizeram por lá novas amizades?

— O maior número possível. Os brasileiros, esses pareciam já conhecidos de longa data. O que se pretendia era que os rapazes vivessem durante 9 dias uma vida sã, em boa companhia e em condições de ser permitida a confraternização de todos os participantes. Isso se conseguiu em absoluto. Os portugueses fizeram bem a diligência por arranjar o maior número de amizades e, em relação ao efectivo da sua Delegação, devem ter sido os vencedores do «campeonato da amizade», o único que realmente nos interessava.

«O Acampamento era superiormente dirigido por uma bela equipa de chefes brasileiros, alguns deles possuidores da «insígnia de madeira». Quase tudo decorreu à medida dos seus desejos, mas como bons escoteiros que são, queriam mais e melhor».

Não tivemos coragem para fazer mais perguntas. Agradecemos ao chefe Albano da Silva a gentileza com que nos atendeu e felicitámo-lo sinceramente pelo êxito da sua missão. O «Sempre Pronto», que tem sido, e diligencia ser cada vez mais, um traço de união entre os irmãos escoteiros do Brasil e de Portugal, alegra-se com o êxito deste grande acontecimento do mundo escotista e envia também daqui o seu abraço de saudações e felicitações sinceras a todos os dirigentes escoteiros da U. E. B..

E. J.

QUINTINO

«MECANICOS REUNIDOS»

Oficina de reparações de Máquinas de Escrever, Somar, Calcular e Duplicadores.

CONTRATOS DE ASSISTÊNCIA
REPARAÇÕES GARANTIDAS
PEÇAS LEGÍTIMAS

ORÇAMENTOS GRÁTIS
PEDIDOS PELO TELEFONE 24841

OFICINA DE RECEPÇÃO E ASSISTÊNCIA
Trav. do Fala-Só, 15-2.º D.
Telef. 24841 — LISBOA

OFICINA DE REPARAÇÕES
Av. Padre António Vieira
VENDA NOVA

CONCURSO — Ver condições nesta página

QUINTINO

«MECÂNICOS REUNIDOS»

ESTA importante oficina de reparações de máquinas de escritório institui o seguinte CONCURSO destinado aos Escoteiros:

Sempre que um Escoteiro tenha conhecimento da necessidade de reparação de qualquer máquina de escrever ou outra máquina de escritório, deverá, de acordo com o proprietário da mesma ou de acordo com o seu chefe de escritório, pedir pelo telefone 24841 a presença de um mecânico da nossa Casa, a fim de gratuitamente elaborar o orçamento da reparação.

Se o orçamento for aprovado e consequentemente efectuada a respectiva reparação, será atribuído ao Escoteiro um cupão de determinado número de pontos proporcionais ao montante da reparação efectuada. Para ter direito ao referido cupão, basta que o Escoteiro, antes ou depois da reparação, indique o seu nome e o número do seu Grupo, para onde o mesmo será remetido.

O cupão poderá ser trocado por um objecto correspondente ao número de pontos, podendo o Escoteiro, ou vários Escoteiros, juntar diversos até obter direito a um objecto de maior valor, que poderá ser mesmo uma tenda.

Estes brindes nunca afectarão o valor do orçamento, podendo o Escoteiro declinar o seu nome sòmente depois do orçamento apresentado ou da reparação feita. Os Dirigentes Escoteiros poderão cooperar neste Concurso, mas neste caso os cupões reverterão a favor do Grupo ou do Escoteiro que indicarem.

Qualquer outra pessoa poderá tomar parte também neste Concurso, bastando para isso que nos indique o nome do Escoteiro ou o Grupo a quem deverá ser atribuído o cupão a que tem direito.

No próximo número do «Sempre Pronto» será publicada a relação dos brindes e os cupões respeitantes, assim como a tabela de pontos.

A VIAGEM AO BRASIL

DOS REPRESENTANTES DOS ESCOTEIROS DE PORTUGAL



A Delegação dos Escoteiros de Portugal ao Acampamento Internacional de Patrulhas visitou a sede da Região de São Paulo

Os dirigentes escotistas do Funchal dispensaram aos nossos escoteiros um entusiástico acolhimento

Na sua passagem pelo Funchal, a Delegação Portuguesa foi alvo de uma manifestação muito entusiástica quando foi cumprimentar os representantes do Corpo Nacional de Escutas. Visitaram duas sedes de grupos da Associação irmã, numa das quais se encontram instalados os Serviços Regionais. É interessante saber que, há 24 anos, os dirigentes da Região se reúnem semanalmente e com toda a regularidade numa dessas sedes, quer tenham ou não assuntos a tratar.

O Comissário Regional, sr. coronel Silva Pereira, assim como outros dirigentes escotistas, à partida do «Santa Maria», tiveram a amabilidade de ir ao cais despedirem-se dos escoteiros portugueses, dirigindo-lhes palavras que calaram muito nos corações dos nossos representantes.

Durante a permanência na Ilha, os escoteiros portugueses visitaram uma fábrica de bordados regionais e um armazém de vinhos, onde foi oferecido a cada um deles um cálice de Madeira.

Os nossos escoteiros foram, também, saudados pelo antigo dirigente da A. E. P. sr. Felgueiras e pelo pastor sr. Ribeiro de Carvalho, nossos estimados assinantes, que foram de extrema gentileza para com os forasteiros, tendo o sr. Ribeiro de Carvalho convidado dois dos nossos escoteiros para almoçar em sua companhia.

A passagem por Cabo Verde

Em Cabo Verde, os escoteiros portugueses receberam um convite do Comandante da Polícia, sr. dr. Júlio Ribeiro, que representava o sr. Governador da Ilha, para um passeio em automóvel pelos arredores de S Vicente, em que, também, tomaram parte, os srs. drs. José Manuel da Costa, Secretário Nacional de Informação, e Tito Arantes, que viajavam no «Santa Maria».

No Recife e na Baía

O primeiro porto brasileiro em que o «Santa Maria» tocou, foi o Recife. Os escoteiros visitaram a cidade e os arredores, assistindo ainda à recepção prestada ao sr. Secretário de Informação, que era aguardado por muitas entidades oficiais e por uma banda da Polícia, a qual executou algumas marchas.

Quando prosseguiram a viagem para a cidade de Baía, a directora do Departamento de Educação do Estado de Pernambuco, proferiu uma interessante palestra acerca da restauração daquele Estado, acontecimento em que participaram os portugueses, mamelucos, negros e índios.

Na mais portuguesa das cidades brasileiras — S. Salvador da Baía - os portugueses foram recebidos pelos escoteiros marítimos daquela cidade, que lhes apresentaram as boas-vindas em nome do povo da Pátria irmã.

Também o dr. Haroldo dos Santos Abreu, secretário permanente da Federação das Indústrias do Estado de São Paulo, fez uma bem elaborada resenha sobre a cidade de São Paulo, tendo sido escutado com muito apreço por todos os escoteiros.

A passagem pelo Rio de Janeiro

Sobre a recepção no Rio de Janeiro, já este jornal fez larga referência. Devemos porém, acrescentar, que o passeio de automóvel pela cidade em companhia dos chefes brasileiros, foi oferecido pela Casa Sotto Mayor, representada pelo sr. João Ribeiro, que também presenteou a nossa Delegação com um almoço servido num típico restaurante do Monte da Bela Vista.

A chegada a Santos

A chegada a Santos não foi menos entusiástica que a do Rio de Janeiro. Um grupo de escoteiros marítimos dispensou aos portugueses fervoroso acolhimento. Encontravam-se também presentes, o chefe João Mós, secretário executivo do acampamento de Interlagos e o chefe Barroqueiro, ambos portugueses, assim como muitos outros portugueses e brasileiros e, entre eles, o próprio sr. Comendador Pereira Queirós, chefe de importantes organizações comerciais e industriais e director da Casa de Portugal, em São Paulo, que, apesar das suas muitas ocupações, não quis faltar à chegada dos seus jovens patrícios. Este facto é tanto mais de realçar se considerarmos que o desembarque foi às primeiras horas da manhã e que Santos dista de São Paulo noventa quilómetros.

A nossa Delegação visitou a imprensa local e, depois do almoço, seguiu para São Paulo em automóveis de luxo postos à sua disposição pelos membros da colónia portuguesa.

Finalmente São Paulo!

Na capital Paulista alguns rapazes portugueses foram aboletados em casas de famílias portuguesas ou luso-brasileiras, ficando outros em hotel.

Logo na primeira noite foram dar o seu concurso a uma festa que se realizou num grupo de escoteiros e ali apresentaram parte do seu reportório de canções. Estabeleceu-se imediatamente contacto com os escoteiros brasileiros, parecendo que já há muito se conheciam. Começaram a ensinar entre si canções destinadas ao acampamento.

Iniciou-se, nesta altura, um período de intensa actividade, chovendo convites para almoços, chás, jantares, passeios, idas ao cinema e visitas a locais de interesse turístico e cultural, a jornais, etc., sendo quase impossível atender a tudo.

No dia 26 de Julho, os nossos escoteiros partiram para o local do acampamento e outra tarefa os esperava, de que eles se saberiam desempenhar de forma a merecerem os melhores elogios.

* * *

Terminado o acampamento a Delegação portuguesa regressou a São Paulo, onde esteve mais 12 dias, os quais foram aproveitados pelos membros da colónia portuguesa para cumular os escoteiros de atenções e para mais visitas, entre elas à Casa de Portugal, à Beneficência Portuguesa, ao Hospital de São Joaquim, que os portugueses estão construindo e ficará sendo a instituição hospitalar particular mais importante da América do Sul e será inaugurado dentro de dois anos.

A Ala da Fraternidade Luso-Brasileira, da presidência da incansável e veneranda senhora D. Palmira Rodrigues, prestou a sua homenagem aos escoteiros de Portugal distinguindo-os com um banquete, que decorreu num ambiente de agradável simpatia.

A Delegação foi recebida na Igreja da Senhora de Fátima, edificada por portugueses, tendo Frei Eduardo invocado as bênçãos de Deus para Portugal e para os portugueses.

O chefe da Delegação, em sessão realizada na Casa de Portugal, entregou ao sr. Comendador Pereira Queirós uma placa de prata tendo sobreposta uma caravela de filigrana, como penhor de muita gratidão pela forma como foram recebidos os nossos rapazes.

Placas semelhantes foram entregues ao chefe João Mós e ao sr. Alberto Temudo, que se distinguiram na recepção aos nossos rapazes.

Foram também gentilíssimos os srs. João Cunha Sotto Mayor, vice-presidente da Casa de Portugal; Fernando Gonçalves Féria, Manuel de Assis Pires e Júlio Pereira Lopes, proprietários da mais

(Continua na 6.ª página)



Saudados pelos Amigos que os esperavam, os Escoteiros tomaram lugar numa camioneta que os conduziu à sede da A. E. P.

O que foi o Acampamento Internacional de Patrulhas

No dia 26 de Julho, à tarde, os escoteiros portugueses na companhia de paraguaios e uruguaios, partiram para o acampamento, onde chegaram às 19 horas.

O acampamento foi instalado em sistema de patrulhas, competindo-lhes a respectiva instalação e montagem. A patrulha Cão foi para o subcampo Nóbrega, dirigido pelo chefe português Barroqueiro, que fez parte do Corpo Nacional de Escutas e dirige hoje um grupo brasileiro. No mesmo subcampo havia escoteiros brasileiros de vários Estados da União, chilenos e também uma patrulha de rapazes ingleses que residem no Brasil.

A patrulha Galo ficou no subcampo Anchieta, sob a chefia do nosso caro amigo sr. coronel Léo Borges Fortes, onde se encontravam também rapazes brasileiros, de vários Estados e bolivianos.

O que foi o acto da inauguração do acampamento, já o nosso jornal referiu no último número. Devemos completar, informando que nesse dia se efectuou um desfile de todas as Delegações, as quais entoaram, cada uma de per si, uma canção em honra de São Paulo e do acampamento.



Os Escoteiros portugueses desfilaram com aprumo através das avenidas de São Paulo

Os fogos de conselho

Durante o acampamento, realizaram-se três grandes fogos de conselho, que constituíram três brilhantes acontecimentos, tendo os dois últimos a presença do público.

Nos fogos de conselho, cada contingente apresentou um número do programa. A Delegação portuguesa, na primeira noite, entoou a canção «Eh lá!» e o hino «Salve, São Paulo», da autoria do chefe Pina e que no próximo número publicaremos.

No segundo fogo de conselho, os portugueses cantaram um corridinho algarvio e no último fogo de conselho, o de encerramento, exibiram-se na «Dança das Patrulhas», um vira, número que foi muito aplaudido e mereceu as melhores referências da imprensa diária que publicou fotografias da actuação dos nossos rapazes.

Os argentinos, os uruguaios, os chilenos e os bolivianos, apresentaram interessantes números de danças e canções do folclore dos seus países. Os escoteiros cariocas exibiram-se em danças com efeitos de luz de várias cores, que agradaram, também, bastante.

De uma maneira geral, todas as Delegações se esforçaram por abrilhantar os fogos de conselho, motivo por que foram sempre presenceados com agrado de todos. Nas noites em que não havia fogos de conselho gerais, realizavam-se, nos vários subcampos, pequenos fogos de conselho que constituíam excelentes reuniões de camaradagem.

Um cozinhado de sensação

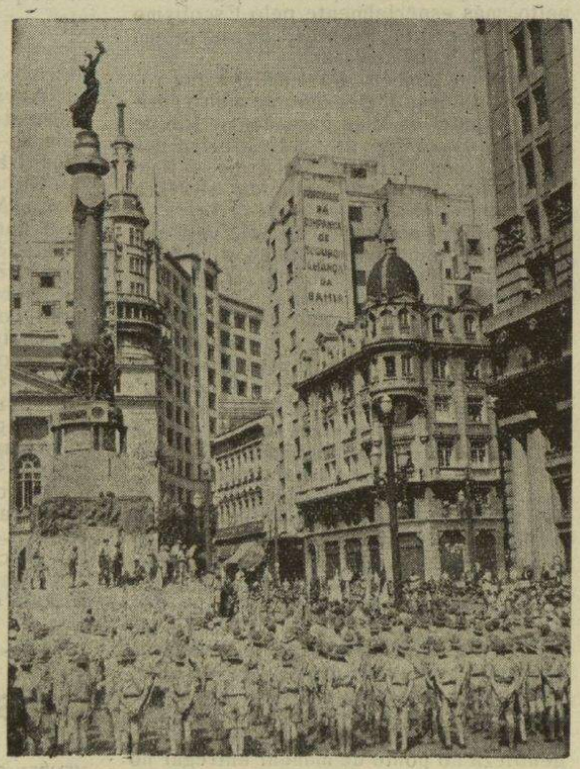
O nosso contingente foi portador de bacalhau e azeite para seu aprovisionamento.

Certo dia, no acampamento, os escoteiros cozinharam, finalmente, o seu prato favorito: bacalhau com batatas. O facto constou e causou sensação no campo. Especialmente os chefes portugueses candidataram-se logo para matar saudades. E o bacalhau quase não chegava para as encomendas. Todos queriam saborear o saudoso prato. Isto constituiu um privilégio para a patrulha Cão, que pôde ter, assim, à sua mesa, a companhia amiga dos chefes David de Barros, João Mós e Henrique Barroqueiro, os quais, ao mesmo tempo que matavam saudades do «fiel amigo», confraternizavam com os nossos rapazes, lembrando a Pátria distante.

Outros chefes brasileiros e até um alemão, integrado nos escoteiros do Brasil, tomaram lugar à mesa dos nossos rapazes, o que muito os alegrava.

O acontecimento foi tão notado que o jornal de campo publicou os seguintes versos para serem cantados com a música da «Casa Portuguesa»:

Numa tropa portuguesa fica bem,
bacalhoada sobre a mesa.
Por acaso si lá ameaça ir alguém,
esconde-se o que si tem na mesa.



Os Escoteiros concentraram-se no Pátio do Colégio, junto ao Monumento da Fundação da Cidade de São Paulo, e aí prestaram as suas homenagens à grande Capital

O desfile na cidade de São Paulo

Na manhã do dia 30, os escoteiros dirigiram-se de autocarro para São Paulo a fim de desfilarem através das ruas da progressiva cidade brasileira.

O desfile, que teve início na Praça da República, era aberto pelas motocicletas da Polícia, seguidas da Banda da mesma corporação e das bandeiras nacionais de cada Delegação presente, empunhadas por um escoteiro da respectiva nacionalidade.

Após, vinham as Delegações de cada País, cada uma delas precedida de um escoteiro portador de uma taboleta indicativa da sua nacionalidade. Vinham, depois, os Estados brasileiros, também por ordem alfabética e com a respectiva taboleta.

Durante o percurso de 1 quilómetro, os escoteiros portugueses foram particularmente aclamados por muitos patrícios, que lhes tributaram ovações calorosas.

A parada terminou no Pátio do Colégio, histórico local onde nasceu a majestosa cidade de São Paulo e em que os escoteiros prestaram a sua homenagem a propósito do centenário da fundação da grande urbe. Nessa ocasião, discursou o Comissário Nacional da U. E. B., com. José de Araújo, Filho, que colocou uma palma de flores — uma flor de lis — no monumento que assinala a fundação. Este acto foi entusiàsticamente saudado com vivas e gritos de todos os escoteiros, findos os quais o contingente português rompeu a cantar o hino de São Paulo, o que fez com bastante entusiasmo e elevação. Para evidenciar o interesse com que os nossos escoteiros foram ouvidos, será curioso anotar que, tendo a Banda de Polícia, por não reparar que os escoteiros cantavam, começado a executar uma marcha, o Prefeito da cidade saiu do local onde se encontrava para pedir à banda que suspendesse a execução dessa marcha.

Os serviços religiosos no campo

No Domingo, dia 1 de Agosto, efectuaram-se no campo serviços religiosos destinados a todas as Delegações. O culto católico foi celebrado na arena, com a principal finalidade de comemorar a Páscoa dos Escoteiros.

O culto evangélico foi presidido pelo Rev. William R. Schisler, Filho, jovem Pastor Metodista, director da Revista «Cruz de Malta», antigo escoteiro e amigo dedicado do «Sempre Pronto».

Antes do culto, cada escoteiro e chefe presente proferiu o seu nome, naturalidade e igreja a que pertencia. O sermão, muito apropriado a escoteiros, versou o tema «Vós sois o sal da Terra».

O encerramento

Mediante um desenho prèviamente traçado na arena, os escoteiros ocuparam os espaços demarcados, formando, assim, uma enorme flor de lis. Tinha começado a cerimónia do encerramento.

Todos os chefes das Delegações estaduais do Brasil fizeram uso da palavra, assim como o chefe Salvador Fernández Bertran, Comissário Itinerante para a América do Sul da Repartição Internacional do Escotismo e, por fim, o Comissário Nacional do Escotismo Brasileiro, que agradeceu a presença e a colaboração de todos e apresentou as saudações dos

(Conclui na 13.ª página).

A viagem ao Brasil

dos representantes dos Escoteiros de Portugal

(*Conclusão da 4.ª página*)

importante fábrica de biscoitos e caramelos do Brasil, «A Confiança», que ofereceram um almoço à Delegação e presentearam os rapazes com produtos do seu fabrico.

O sr. Comendador Pereira Queirós, ofereceu a cada rapaz um «terno de duas peças», fabrico da sua importante fábrica de tecidos, e o genro do sr. Comendador, sr. João Praça Filho, ofereceu uma caixa de lenços a cada um.

As despesas em São Paulo foram pagas pelos membros da Colónia Portuguesa. No Rio de Janeiro a Delegação foi aguardada pelo sr. Carlos Matoso, que representava seu irmão sr. Comandante Matoso e que, além de oferecer os seus serviços e de seu irmão, entregou da parte deste um importante donativo para auxílio das despesas.

Ainda em São Paulo, a Direcção da Casa de Portugal ofereceu um jantar de despedida que se realizou num dos melhores restaurantes da capital paulista. Presidiu o sr. Comendador Norberto Jorge, director do jornal «Diário Popular», figura de enorme prestígio e grande amigo dos portugueses. Na sua companhia, os nossos escoteiros fizeram as visitas de cumprimentos aos jornais do Estado de São Paulo.

Os srs. Comendador Pereira Queirós, João Cunha Sotto Mayor e Afonso Salgado deram, cada um e a cada rapaz, 100 cruzeiros para as suas despesas pessoais.

Os escoteiros souberam corresponder às gentilezas e amizade de que foram rodeados, conquistando simpatias em todos aqueles que os acarinharam.

Os Rotários e os escoteiros de Portugal

A convite do sr. Comendador Pereira Queirós, dois escoteiros e o chefe foram assistir a um almoço do Clube, que se realiza todas as semanas no principal hotel de São Paulo, precisamente no salão onde se efectuou um jantar de homenagem ao nosso Ministro dos Negócios Estrangeiros, na sua recente viagem. Prestava-se nesse dia homenagem à Noruega e à Suíça, tendo Portugal sido igualmente lembrado por todos os oradores. Nessa ocasião estavam presentes mais de 300 das mais ilustres figuras de São Paulo.

A estadia no Rio de Janeiro dos escoteiros portugueses

A despedida em São Paulo foi muito afectuosa. Entre outras pessoas, estiveram ali a saudar os escoteiros, os srs. Alberto Temudo e família, prof. dr. Eurico Figueiredo e família, Sousa e outros membros da Ala de Fraternidade Luso-Brasileira.

Após uma viagem de oito horas em autocarro, os nossos rapazes chegaram ao Rio de Janeiro, onde permaneceram oito dias, tendo sido instalados no quartel do 5.º Batalhão da Polícia Militar.

Este período foi aproveitado para visitar a praia de Copacabana, o Corcovado, o Pão de Açúcar e o Jardim Zoológico, no Rio de Janeiro, e as cidades de Petrópolis e Teresópolis.

Os nossos rapazes assistiram ainda a um desafio de futebol entre as equipas do Vasco da Gama e do Flamengo, no famoso Estádio de Maracanhã, tendo tido ingresso nos camarotes da presidência.

Num dos últimos dias da estadia na Capital Carioca, os escoteiros portugueses foram apresentar as suas despedidas ao incansável chefe David M. de Barros, representante do «Sempre Pronto» no Brasil e Comissário da Organização da U. E. B., que no dia seguinte iria dar entrada no hospital da Beneficência Portuguesa, para se submeter a uma operação cirúrgica. Foi uma nota sentimental, em que os escoteiros portugueses manifestaram a sua simpatia àquele nosso compatriota que, apesar de há longos anos residir no Brasil, mantém sempre o mesmo interesse por tudo o que à Pátria diz respeito, mas especialmente pelo Escotismo e pelo «Sempre Pronto», de que é um colaborador dedicadíssimo.

Foram também bons amigos que rodearam a nossa Delegação de muito carinho durante os dias passados no Rio de Janeiro, os chefes dr. João Ribeiro dos Santos, Comissário de Lobinhos e João Fernandes Brito, director da revista «Alerta».

Antes do embarque, o chefe da Delegação pediu uma entrevista ao sr. Comandante Geral da Polícia Militar, afim de lhe apresentar agradecimentos pelo acolhimento dispensado no quartel do 5.º Batalhão. Apesar das suas muitas preocupações agravadas ainda pela situação anormal provocada pela morte do Presidente Vargas, entendeu por bem vir ele próprio ao quartel encontrar-se com os escoteiros portugueses. Uma vez aí, formou o Batalhão e o sr. Coronel-Comandante discursou, fazendo o elogio do aprumo dos nossos rapazes e da sua disciplina, formulando votos de boa viagem, depois do que a formatura entoou o hino do Batalhão.

O chefe Albano da Silva agradeceu a homenagem e todas as amabilidades dispensadas aos escoteiros portugueses e fez votos pela felicidade da Pátria Brasileira, entoando os escoteiros a canção «Eh Lá!», composta com o imortal canto dos Lusíadas: *As armas e os varões assinalados.*

O sr. Comandante levou ainda a sua gentileza ao ponto de mandar entregar no «Santa Maria» uma interessante flâmula.

No momento da partida, apesar dos sangrentos acontecimentos que enlutavam a Nação irmã e provocavam tumultos na cidade, estiveram no cais a apresentar cumprimentos de despedida o Comissário Internacional sr. Mauro V. Galliez, os chefes João Mós, João Fernandes Brito e dr. Ribeiro dos Santos.

Uma atitude muito simpática foi a de uma menina, membro da Ala de Fraternidade Luso-Brasileira, que foi propositadamente de São Paulo ao Rio de Janeiro e conservou-se a bordo do «Santa Maria» até à hora da partida, para, como «embaixatriz da Ala», ser a última a dar o abraço de despedida aos escoteiros de Portugal.

O regresso a Lisboa

A viagem de regresso decorreu normalmente, tendo o navio tocado em Las Palmas (Canárias), onde os escoteiros adquiriram alguns «recuerdos».

Na manhã do dia 4 do corrente, o «Santa Maria» sulcou as águas do Tejo e às 9 horas atracou ao cais da Rocha de Conde de Óbidos. Os escoteiros eram aguardados pelo chefe Dias de Almeida, da direcção da A. E. P.; pelo chefe Luís Grau Tovar de Lemos, chefe geral adjunto; chefes de grupo, alguns escoteiros e muitas pessoas amigas e de família dos escoteiros. O sr. Comandante Tenreiro esteve a bordo a cumprimentar o Chefe da Delegação.

Cumpridas as formalidades da Alfândega, os rapazes, muito saudados pelos amigos que os esperavam, tomaram lugar numa camioneta que os conduziu à sede da A. E. P..

O chefe Albano da Silva foi muito cumprimentado e felicitado pelo êxito da missão que o levou a terras do Brasil.

MENSAGEM DO GENERAL SPRY

Tenho grande prazer em enviar os sinceros cumprimentos do Conselho e Repartição Internacional a todos os escoteiros que participam no A. I. P..

Estou certo que vós fareis o melhor possível para tornar o A. I. P. uma actividade alegre e para pôr em prática a Lei Escoteira durante os dias que estiverem acampados. Aqui vão cinco simples sugestões que eu gostaria que cada um de vós tentasse pôr em prática completamente durante o A. I. P.:

1) — Fazer amizade com, pelo menos, dois escoteiros de outro País, que não tenha ainda conhecido. Procurar conhecer tudo o que puder a respeito da cidade ou vila onde os mesmos vivem, a sua escola e o seu grupo.

2) — Tomar conhecimento de, pelo menos, uma ideia nova sobre técnica de campismo — um trabalho de pioneria útil, uma nova maneira de dispor o acampamento, algo sobre alimentação, etc..

3) — Aprender, pelo menos, mais uma canção para o Fogo de Conselho.

4) — Quando voltarem aos lares, contar aos demais escoteiros do seu Grupo o que viram no «Jamboree» e ensinar a todos eles o que no mesmo aprenderam.

5) — Fazer o possível para auxiliar a sua patrulha a vencer a competição entre patrulhas, procurando obter o máximo de ensinamentos das várias provas a que a mesma se submeter.

Se fizerdes todas estas coisas, estou certo de que vós passareis todo o Acampamento de maneira útil e agradável.

BOM CAMPO A TODOS!

O «SEMPRE PRONTO» E A REVISTA «ALERTA!»
VENDEM-SE NA
TABACARIA BOA-HORA
Rua Nova do Almada, 46 — LISBOA

Ecos do Acampamento Internacional de Patrulhas

ESPECIAL PARA O «SEMPRE PRONTO»

Pelo Ten.-Cor. LEO BORGES FORTES, do Conselho Interamericano de Escotismo, do Conselho Nacional da U. E. B. e Chefe do Subcampo «Anchieta» no A. I. P.

Meu caro Eduardo:

Em tua última carta pedes-me, para o «Sempre Pronto», algumas palavras sobre a Patrulha Portuguesa que nos honrou com a sua participação no nosso Subcampo do Acampamento Internacional de Patrulhas.

Vou deixá-la, de momento, para dela falar em último lugar Inicialmente, julgo dever dar alguns esclarecimentos aos nossos leitores.

Um Acampamento Internacional de Patrulhas, como o nome indica e todos sabem, é um acampamento em que a máxima importância é dada à vida da Patrulha e onde toda a responsabilidade de direcção recai, consequentemente, sobre o Guia da Patrulha. O título «Internacional» significa simplesmente a participação de Patrulhas de vários países. (Ia dizer «de países estrangeiros», mas os portugueses para nós, não são estrangeiros!).

O Acampamento foi dividido em 6 Subcampos ou áreas e a nós coube-nos chefiar o I Subcampo que recebeu o nome de «Anchieta», o padre fundador de São Paulo de Piratininga, oriundo da Universidade de Coimbra.

* * *

O nosso Subcampo recebeu ao todo 13 Patrulhas. Estas, à medida que se iam apresentando para acampar, eram distribuídas pelos dois Grupos, organizados sob a chefia dos meus dois auxiliares, os Chefes Milton J. Ribeiro da Silva e Peter Bina, ambos de São Paulo.

Para dar aos Guias ou Monitores o máximo de independência, liberdade de acção, e, sobretudo, autoridade, ficou convencionado que os Chefes dos Contingentes ou Delegações, seriam afastados dos Campos onde porventura existissem elementos dos seus próprios países ou estados. Esta medida, que a princípio pareceu exagerada e antipática, dentro em pouco produziu os melhores resultados. Por um lado, os rapazes prontamente sentiram, que o «Acampamento era deles» e que os Guias eram os verdadeiros Chefes; a disciplina melhorou e estava-se aplicando realmente o Sistema de Patrulhas, que o nosso inolvidável fundador Lorde Baden-Powell, definiu como a melhor escola de formação de carácter: a Responsabilidade. Por outro lado, alguns Chefes tiveram uma verdadeira surpresa ao verificarem que os seus Monitores eram capazes de actuar sòzinhos e podiam prescindir das suas presenças. E isto, também, foi-lhes uma lição.

* * *

A característica «Internacional» do nosso Subcampo também logo se definiu. Tínhamos uma Patrulha de Portugal e uma da Bolívia. Para «servirem» no nosso Campo, além dos dois Chefes paulistas contávamos com Stembera, da China; Obata, do Japão e Inchausti, do Paraguai. Tínhamos Patrulhas brasileiras dos mais diversos Estados: Pernambuco, Minas Gerais, Paraná, Estado do Rio, Distrito Federal, São Paulo, etc..

Cada um dos Grupos recebeu uma Patrulha do exterior e escolheu o seu próprio nome. De um lado, em homenagem aos bolivianos, o Grupo denominou-se «Incas». Do outro lado, onde estavam os portugueses, foi eleito o nome de «Cabral», em lembrança do Almirante português, descobridor do Brasil.

* * *

Outro aspecto interessante no nosso Campo, é que, desde o início, aproveitando se uma ideia proporcionada pelo chefe Albano, não nos tratávamos mais pelos nomes, países, províncias ou estados representados. Não tínhamos mais no Campo bolivianos, portugueses, cariocas ou fluminensss, mas sim, «las Vicuñas», as Patrulhas do «Galo», do «Leão» e do «Touro». A fraternidade era um facto! Há outra observação curiosa que agora ocorreu-me também narrar-lhes e que bem caracteriza este espírito: no meio do nosso Campo elevámos um alto e forte mastro. Pois bem! Nele nunca foi hasteada nenhuma bandeira. E isto, simplesmente, porque nunca conseguimos obter todas simultâneamente. Os bolivianos e portugueses só possuíam cada um uma única Bandeira, a do Contingente. Para que não fosse içada sòzinha a Bandeira Nacional brasileira, nunca içámos nenhuma em nosso próprio mastro central. De resto, isto não era necessário porque todas elas estavam unidas na grande arena, ali materializando o grande espírito fraternal que nos ligava. E do nosso Campo, (o que lhes ficava mais próximo), obedecíamos ao cerimonial da sua ascensão e descida.

* * *

E agora, finalmente, uma palavra sobre os «Galos». A princípio, foi lhes um pouco rude. Uma viagem longa a terras distantes, outra gente, novos costumes, outra alimentação, as saudades (que nós bem conhecemos) de parentes e amigos, o afastamento do chefe Albano (encaminhado propositadamente para outros misteres), a apresentação a um outro Chefe de Campo, rígido e severo (eu!...) tanta coisa nova e diferente em tão pequeno espaço de tempo, tudo isto, digo, contribuiu para deixá-los inicialmente atónitos e como que atordoados.

A obrigação de um Chefe de Campo, como a de um pai de família, é não fazer diferenciação entre os seus filhos. Todos são iguais e não deve haver preferências. Até as coisas se normalizarem e a vida de campo se estabilizar, entrando no seu ritmo diário, eu pareci-lhes, (como bem definiu o Albano posteriormente «uma fera»). Estava-lhes sempre no encalço a exigir-lhes (como a todos os outros, a bem da verdade!) bom trabalho, limpeza, boa apresentação de uniformes, conforto, cumprimento de horários, etc, etc.. Bem sabemos que, muitas destas coisas, não podem coexistir; que quem trabalha não pode estar limpo; que quem responde a horários não pode gozar de conforto, etc., mas a arte escoteira consiste em obter tudo isto simultâneamente e a virtude reside em saber doseá-lo convenientemente. Inicialmente, procurámos obter que as Patrulhas se preocupassem em ter conforto, consistindo este, em boa cama, (barracas) e boa mesa (cozinha). O máximo esforço e trabalho foi exigido desde logo, nesse sentido, pois ele renderia bons juros e pagaria-em dobro para o resto da temporada.

O restante das instalações, a princípio, não teria grande importância nem merecia muita consideração. Este último objectivo foi atingido posterior e brilhantemente pelos «Galos». À frente do seu Campo armaram um imponente palanque de bambus (o maior de todos) em cuja plataforma superior instalaram uma pequena barraca, de onde apreciavam o panorama e eram apreciados pelos visitantes e especialmente pelo elemento feminino. Outro factor, de seu grande sucesso, foram as canções, mas, o maior de todos, foi o bacalhau que trouxeram, e, bem assim, o bom azeite português, que atraiu ao nosso Campo, um sem número de visitantes, convidados ou... não convidados... para comê-lo.

O resultado é que nunca chegou a minha própria vez de provar o bacalhau, mas, em compensação, recordo-me bem de um caldo verde, tomado após um Fogo de Conselho, que me aqueceu o estomago e, mais ainda, o coração.

De qualquer modo, creio que tudo isto, que já constitui o passado, foi para os «Galos» e para todos nós uma nova e magnífica experiência. Muito aprenderam e muito ensinaram. Durante muito tempo, muito terão que contar para os seus irmãos escoteiros, seus futuros filhos e seus netos: uma viagem que, como Escoteiros, fizeram ao Brasil, e como aqui nos ensinaram a amar Portugal!

E daqui saindo, ainda me deram uma lição de bondade, depositando na hora da despedida, surpreso, em minhas mãos, uma das medalhas comemorativas dos 40 anos da sua Associação.

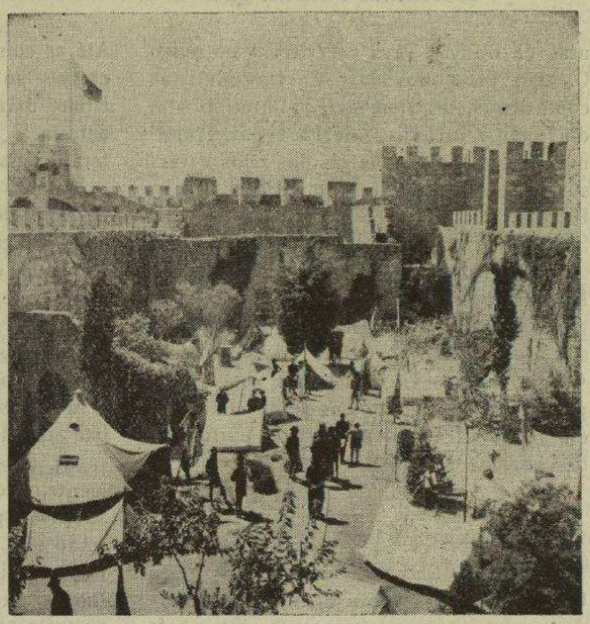
Com o meu «muito obrigado» e um «Sempre Alerta», aqui vai a melhor prova da imorredoura impressão que em mim deixaram; um vivo e ardente desejo de qualquer dia largar daqui, rumo a Olhão, a pagar-lhes a visita! Até lá... Boa Caça, queridos irmãos!...

O acampamento no Castelo de S. Jorge

constituiu uma bela jornada escotista

Conforme noticiámos no nosso último número, nos dias 14 e 15 de Agosto último, a Região de Lisboa promoveu no Castelo de S. Jorge um acampamento, que teve por pretexto a comemoração da Batalha de Aljubarrota e serviu, ainda, para os escoteiros afirmarem colectivamente o seu repúdio pelos actos de violência praticados nos nossos territórios do Estado da Índia pelos agressores vindos da União Indiana.

As cerimónias da noite do dia 14, foram organizadas pela Mocidade Portuguesa, nas quais os escoteiros se integraram, numa manifestação do melhor espírito de confraternização.



Um aspecto do acampamento dos Escoteiros de Portugal no Castelo de S. Jorge

Conforme iam chegando, as unidades escotistas armavam as suas tendas e preparavam os seus campos, o que lhes permitiu, à hora determinada, reunirem-se à entrada do Castelo para aí aguardarem os filiados da Mocidade Portuguesa, tributando-lhes as honras devidas.

No recinto privativo da Mocidade Portuguesa, realizou-se, à noite, o Fogo do Conselho, a que assistiram o Comissário Nacional, o Comissário Nacional adjunto e o Delegado Provincial da Estremadura da Mocidade, assim como os dirigentes escotistas do acampamento.

O sr. prof. Gonçalves Rodrigues lançou fogo, com um facho, à pira de lenha, acendendo a fogueira. Os escoteiros entoaram canções e os filiados da M. P. distinguiram-se, apresentando um interessante programa em que realçava uma evocação patriótica muito apropriada ao ambiente. No fim, o comandante de falange Carlos Lima fez uma vibrante exaltação patriótica que a assistência escutou com toda a devoção.

Findo o Fogo do Conselho, cada escoteiro e cada filiado da Mocidade Portuguesa, empunhando um archote, dirigiram se para as ameias do castelo, onde, até de madrugada, fizeram uma velada de armas, evocando os gritos das sentinelas que outrora guardavam aquela fortaleza contra as arremetidas do inimigo.

De madrugada, o Conselheiro Espiritual da Mocidade Portuguesa celebrou uma missa campal, a que assistiram alguns dos escoteiros finda a qual a M. P. retirou do castelo.

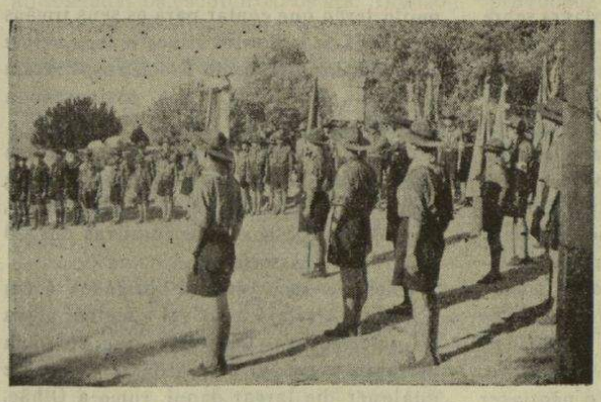
Na manhã de domingo, os escoteiros evangélicos tiveram o seu serviço religioso, o qual foi dirigido pelo seminarista sr. Saul de Sousa, tendo-se registado a assistência de muitos escoteiros, visitantes do acampamento e outras entidades.

O sermão, que teve um acentuado cunho espiritual e patriótico, foi seguido com muita devoção por parte da assistência, tendo o oficiante sido muito felicitado no fim.

Os escoteiros reuniram-se em frente da estátua de D. Afonso Henriques para ouvirem uma alocução proferida pelo Escoteiro-Chefe do 2.º Grupo, acerca da Índia.

Durante o dia os escoteiros realizaram ainda diversas cerimónias, e, a meio da tarde, o acampamento foi levantado, regressando os grupos às suas sedes.

A Mocidade Portuguesa ofereceu café aos escoteiros durante a velada de armas, o que comprova o elevado espírito fraternal que reinou nesta actividade, a qual deixou a melhor das impressões em todos quantos nela tomaram parte.



No Castelo de S. Jorge, os Escoteiros formaram em frente da estátua de D. Afonso Henriques



7 — «SEMPRE PRONTO». *Provas da 2.ª Classe.* Edições «Sempre Pronto». Lisboa, s. d. 57 págs. ilust.

Os meus leitores conhecem já este opúsculo, que foi publicado nas páginas deste jornal durante algum tempo e agora está ao alcance de todos os escoteiros que tenham necessidade de se preparar convenientemente para as provas da 2.ª classe, precisamente aquelas que sempre têm causado aos rapazes maiores preocupações e receios.

Adaptação do que a A. E. P. publicou com o mesmo título há 20 anos, está agora perfeitamente em dia, devidamente remodelado de acordo com as alterações introduzidas nos regulamentos e orgânica da A. E. P., a velha e querida Associação há pouco ressuscitada das próprias cinzas, o que só pode alegrar o coração dos Velhos que recordam com saudade e orgulho os tempos «heróicos» do Escotismo, que os rapazes de hoje desconhecem, mas que todos nós temos o dever de lhes recordar.

Quanto ao resto, trata-se duma edição da casa: ao leitor cumpre o encargo de louvar ou desmerecer, segundo o seu critério individual e a sua maneira pessoal de pensar. Uma coisa entendo ser meu dever acentuar: a boa vontade que anima os Editores de contribuírem para a completa ressurreição do espírito escotista, que o mesmo é dizer, para a profunda reeducação dos jovens de Portugal.

O Rato Sábio

N. R.—Serão feitas referências a todas as obras de que nos forem enviados dois exemplares.

Desporto, Cinema e Educação

V

Parece à primeira vista que a interdição da entrada nos cinemas aos menores foi providência oportuna, se atendermos a que os últimos anos viram a proliferação de fitas de moral mais que duvidosa, mal tanto mais grave, quanto as más fitas sempre exercem influência mais perniciosa do que os maus livros. Mas, tomando tal resolução, não pretendeu o Ministro impedir totalmente o acesso de menores aos cinemas, pois preconizou a realização de sessões dedicadas exclusivamente às crianças, durante as quais deveriam exibir-se fitas de interesse cultural e educativo, a par de outras meramente distractivas, por forma que os que são ainda demasiadamente novos para tomar contacto com fitas inacessíveis à sua inteligência em formação ou impróprias das suas idades, pudessem encontrar no cinema uma compensação à limitação da antiga liberdade de frequência das casas de espectáculo.

Julgo, porém, que as intenções do Ministro têm sido sofismadas por parte da quase totalidade dos empresários teatrais ou de cinemas, que, vendo o problema apenas pelo seu aspecto comercial, consideram tais sessões especiais sem qualquer compensação, deixando assim as crianças privadas dum excelente meio de instrução, de distracção e de educação, entregues, portanto, às poucas distracções que podem arranjar e, em muitos casos, às solicitações de certos ambientes que parecem ter lucrado com isso.

Sabe-se que muitos pais dão aos filhos menores liberdade plena de disporem do seu tempo livre como melhor entenderem, mesmo naquele período perigoso que precede a puberdade e em que se faz mister acompanhá-los mais cuidadosamente. Sobretudo aos domingos de tarde, privados de irem ao cinema, muitos rapazinhos menores de 13 anos reúnem-se nos cafés — o velho vício nacional cada vez mais inveterado e por culpa dos próprios pais que lhes dão o exemplo — onde se dão ao jogo ou à sua aprendizagem deletéria, sendo, em tantos casos, solicitados ainda a piores coisas, industriados por camaradas mais velhos, que sempre aparecem com ares de mentores e de já «sabidos» a explicar aos mais pequenos quais os segredos da Vida... que eles dizem já conhecer.

Numa época em que os homens se desinteressam assustadoramente da leitura, não podemos esperar que os jovens adolescentes fiquem em casa, sobretudo no verão, a ler Júlio Verne, como os seus avós faziam. Quando muito, e ainda assim distraìdamente, passam uma vista de olhos pela *Bola* ou por certos jornais que pomposamente se enfeitam com o nome de «infantis», lendo essa nova praga da literatura por doses homeopáticas, em «quadradinhos» — sempre a preocupação de falar aos sentidos e não à inteligência! — com aventuras das mais disparatadas e desenhos de gosto muito discutível.

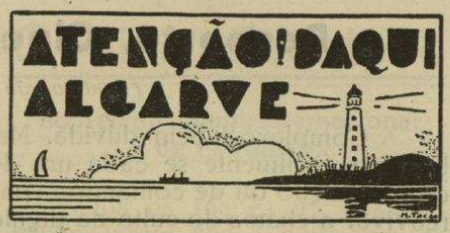
Mas a maioria dos rapazes que não podem ir ao cinema procura desforrar-se desse «jejum» por todas as maneiras possíveis e imagináveis. E quando não andam em grupos, chefiados por outros mais velhos quase sempre viciosos e viciados, vão para o campo de futebol, muito pior do que o cinema, do ponto de vista educativo. Ali, de facto, recebem instrução completa na arte da má criação, quer em atitudes, quer em linguagem, do mesmo modo que o espírito se lhes cresta ficando inapto para a assimilação de quaisquer princípios normativos.

É este hoje o panorama que o nosso País oferece, em particular no Norte, onde escrevo. E não se pode dizer que a providência tomada há cerca de dois anos relativa à frequência dos cinemas desse aqueles resultados que dela se esperava, por culpa, sobretudo, de quantos deviam ter então procurado compreender as suas determinantes e o seu alcance.

Mas há mais, ainda. Se se proibiu o acesso dos menores aos cinemas e se condicionou o dos adolescentes, por que razão se não tomaram iguais providências quanto às praias? Em que é que as atitudes de certas «estrelas» na tela são piores ou mais imorais que as que certas jovens bem nascidas e de carne e osso tomam quando estendidas na areia a torrar ao Sol? Basta percorrer algumas das praias mais frequentadas, desde as da costa minhota até, pelo menos, às da zona de Cascais, para logo se ver que não é com simples providências metronómicas relativas aos fatos de banho que o candente problema se resolve. O mal é mais fundo e transcende todas e quaisquer providências policiais ou repressivas, sempre contraproducentes num País como o nosso em que há a tendência inata para sofismar todas as leis.

Não é um problema essencialmente religioso, como alguns querem, porque a moral não é privilégio de nenhuma religião. É sobretudo um problema moral e de educação, ético, portanto, que se impõe resolver se não quisermos ver, daqui a breves anos, uma revolução profunda que subverta todos os valores morais da nossa civilização.

(*Continua na 10.ª página*)



Grupo n.º 6 — Olhão

As patrulhas deste grupo estiveram um pouco enfraquecidas, não só pela ausência dos seus guias e alguns subguias, integrados no contingente português que tomou parte no Acampamento Internacional de Patrulhas, mas também porque muitos dos escoteiros se encontravam fora de Olhão, em veraneio com as suas famílias.

No entanto, o dirigente do grupo, no desejo de apreciar o que as patrulhas seriam capazes de fazer em trabalho, assim como a capacidade dos guias e subguias interinos, resolveu levar a efeito uma série de actividades variadas que pusessem à prova as possibilidades dessas patrulhas, as quais foram completadas com aspirantes que estão prontos a fazer o Compromisso.

Exercício-jogo diurno «O Monge da Montanha» — A primeira desta série de actividades, realizou-se em 11 de Julho p. p. no Cerro de S. Miguel, constou de exercício-jogo «O Monge da Montanha», cujo tema já foi publicado neste jornal.

No decurso deste jogo, os escoteiros tiveram de seguir longas pistas, traçadas por diversos processos, realizaram meticulosos trabalhos de orientação, receberam e transmitiram mensagens por homógrafo e por morse e puseram à prova os dotes de dedução, de espírito de iniciativa e de resistência física.

De uma maneira geral, o trabalho das patrulhas foi bastante satisfatório.

Concurso-Relâmpago — No dia 24 de Julho, efectuou-se esta segunda actividade, durante um acampamento no Mato Joinal. O programa consistia em provas de nós, macas com espias e camisas, condução de feridos, homógrafo e jogo do Quim.

A vencedora foi a patrulha «Galo», seguida da «Andorinha», «Castor» e «Águia».

Exercício-jogo nocturno «Os Caçadores e as Feras» — O último número desta série de actividades, foi este jogo, de que publicamos, noutro lugar, o respectivo tema, e que se realizou no dia 3 de Agosto. A patrulha «Andorinha», obteve o triunfo nesta interessante prova, a qual distinguiu-se pela disciplina com que foi efectuada.

O silêncio que rodeava cada acampamento, era impressionante, sabendo-se que, nas imediações, 6 ou 7 escoteiros rastejavam, encobrindo-se com a mais pequena moita ou tronco de árvore, a tentarem alcançar o terreno vigiado pelos «caçadores» e retirarem sem ser vistos.

Grupo n.º 60 — Vila Real de Santo António

De 31 de Julho para 1 de Agosto, este grupo efectuou mais um acampamento nos arredores de Monte Gordo, local onde voltou de 7 para 8 de Agosto.

Nos dias 21 e 22 de Agosto o grupo acampou nos Arredores da Vila e no dia 29, em Vila Nova de Cacela.

Na noite de 21 realizou-se também um animado «Fogo de Conselho», no qual tomaram parte todas as patrulhas desta unidade. No dia 22 houve festa de campo, durante a qual se entregou a Taça A. E. P. à patrulha vencedora do trimestre — a «Poupa» — e prestaram Compromisso de Honra os aspirantes José Tamisa, José Cardoso e Manuel Godinho.—C.

Desporto, Cinema e Educação

(Continuação da 9.ª página)

Complexo? Sem dúvida. Mas não irresolúvel. Resolver-se-á até bastante fàcilmente se cada um dos que detêm nas suas mãos funções de orientação ou de comando — pais, mestres, patrões, pedagogos, etc. — reavivar a chama do culto da dignidade, que se incute pelo *exemplo*, que não pela palavra sòmente. No dia em que, depois de considerado o problema com objectividade, cada um desses resolver abandonar toda a velha farragem de falsas ideias educativas, presas ainda aos fantasmas de filosofias ou crenças há muito desaparecidas ou que foram ultrapassadas, e, simultâneamente, tendo em consideração a evolução dos tempos, procurar incutir no espírito dos jovens a noção da dignidade própria — que está acima e para além do tempo e do espaço, porque é imutável e sempre igual a si mesma; no dia em que se transmitir aos jovens a noção concreta do que seja a moral e os deveres que ela impõe, antes de mais, a cada um de nós para consigo mesmo, e que tal e tal acto se não deve praticar, não por isto ou por aquilo, mas porque é indigno de todo o homem digno, *porque o rebaixaria perante a sua própria consciência*, nesse dia ter-se-ia dado um grande passo em frente no caminho da educação dos jovens portugueses, cujos vícios históricos permanecem e se não corrigiram em tantos séculos de vida que tem a nacionalidade.

Os jovens — rapazes e raparigas — são hoje, na sua grande maioria, grosseiros de atitudes, de linguagem e, acima de tudo, de pensamentos, em grande parte por culpa dos educadores que se limitam, com honrosas e raras excepções, a glosar os velhos *slogans* do passado, como se os séculos se não sucedessem ininterruptamente e o Mundo não tivesse sido abalado, no seu substracto social e moral, por convulsões tremendas e profundas. Culpei — estou convencido de que com razão — o Desporto e o Cinema do facto que tenho assinalado. Mas não são eles os únicos culpados, porque muitos outros factores têm contribuído para o mesmo fim. Seja, porém, qual for o verdadeiro culpado, creio bem que o maior ainda somos nós, que nos deixamos levar na onda e pactuamos com o que de pior caiu sobre a sociedade portuguesa. Temos de nos convencer de que toda a moral, para dar frutos, tem de ser *activa*, e, para o ser, tem de ser ainda *compreendida* e *sentida*. Mas, acima de tudo, deve ela ter em mente o Homem em si, porque é ele o artífice da civilização. Abstrair do Homem para pôr noutros campos a base da moral, é tão utópico como lançar os fundamentos dum edifício num ponto e ir construí-lo noutro... sem alicerces.

Estamos na Terra para cumprir uma missão; esta deve ser eminentemente social, pois jamais nenhuma civilização nasceu do isolamento. Considerar o Homem como o seu artífice é o primeiro dever de quem educa, porque toda a educação deve tender para elevar o Homem em função de construtor e de matéria prima da civilização, sob pena de ter de se negar o nome de educação àquilo que como tal se considera. E toda a civilização — di-lo a História — será o que for o seu edificador e as peças que a constituírem; daí o valor da educação e a sua importância social, que a coloca à frente de todos os outros problemas, que dela são subsidiários.

Tenho a consciência de ser mais uma voz a clamar no deserto da indiferença das gentes de agora: razão de sobra para me não calar. Na hora grave que o Mundo está a viver, calar-se o homem é atraiçoar-se a si próprio, porque se atraiçoa a si mesmo quem trai os seus deveres para com o Homem. Nem por saber de antemão que não serei lido, e, sendo-o, serei mal compreendido, deixarei de bradar contra o mal, chamando a atenção de todos os portugueses e, em particular, de todos os educadores para o seu alastramento. Fomos grandes no passado porque descobrimos e devassámos novos mundos e lançámos os fundamentos de novas civilizações. Se quisermos ser grandes no futuro não devemos procurar ressuscitar esse espírito heróico do passado e que então tinha razão de ser, mas suscitar antes um novo espírito heróico, esse de cada um aprender a vencer-se a si próprio para socialmente poder desempenhar o papel que dele espera a nossa Terra. Foi com esse espírito que escrevi estas nótulas: ouso esperar que alguém nelas atente e possa, com voz mais autorizada e mais potente do que a minha fraca voz, contribuir para se alcançar o generoso fim em vista.

O Velho Lobo Negro do Norte
E. C. D.

P. S. — No 4.º parágrafo do cap. II destas notas disse, por lapso, que o filósofo inglês Bertrand Russell faleceu recentemente, quando ele, embora bastante idoso, ainda vive. Corrija-se portanto, o passo lendo: «Grande tem sido o contributo desse povo admirável para o progresso das ciências especulativas, sendo inglês um dos maiores, senão o maior dos filósofos dos nossos tempos — Bertrand Russell».

PELOS GRUPOS

Grupo n.º 5 — Lisboa

Conforme é já tradicional, de 14 a 27 de Agosto passado, este grupo realizou o seu acampamento de férias no Portinho da Arrábida, no qual tomaram parte 14 escoteiros e pessoas de família, num total de 60 pessoas.

● No dia 6 do corrente, esta unidade comemorou o 33.º aniversário da sua fundação, efectuando na sua sede uma reunião especial dos seus escoteiros, na qual o chefe Mário Fernandes, falou acerca do significado da data. — C.

Grupo n.º 79 — Lisboa

Para comemorar o 29.º aniversário da sua filiação na A. E. P., este grupo realizou um exercício de patrulhas em Galamares, em 24 e 25 de Julho passado, sendo o acampamento visitado por amigos e sócios da unidade. Prestaram neste dia compromisso de honra os aspirantes Vítor Manuel Gomes da Silva, Carlos Faísca e João Manuel da Silva.

O «79» está promovendo um curso para guias, sob a direcção do chefe Lobo de Carvalho, que estará terminado em Outubro próximo.

Grupo n.º 33 — Leiria

Os acontecimentos na Índia Portuguesa — Os escoteiros deste Grupo, devidamente uniformizados, tomaram parte nas manifestações que se realizaram nesta cidade, no passado dia 27 de Julho, contra os ataques de mercenários estrangeiros aos territórios do Estado Português na India.

Acampamento — Sob a chefia do E. C. A., Carlos Alberto Cascais, este grupo efectuou um acampamento na Mata Nacional de Pinheiros, nos dias 24 a 27 de Julho p. p..

Durante a interessante actividade, realizaram-se jogos e exercícios escotistas. — C.

As Comemorações do VII Centenário das Cortes de Leiria — Este grupo participou activamente nestas Comemorações.

No dia 28 de Agosto, assistimos ao fogo de campo da «Visita Campista a Leiria», para que foi amàvelmente convidado. O Escoteiro-Chefe teve a honra de acender a chama e os escoteiros cantaram o hino do grupo.

No dia 29, este grupo formou junto à escadaria dos Paços do Conselho, aguardando aí a chegada do Chefe do Estado, tendo-lhe feito saudação ao toque do Hino Nacional, executado por uma banda militar.

Cerca do meio-dia, efectuou-se o cortejo dos estandartes das colectividades e dos municípios até ao castelo, onde, à chegada do sr. general Craveiro Lopes, novamente os escoteiros lhe prestaram as devidas honras. — C.

Grupo n.º 44 — Gaia

Realizou-se no dia 7 de Agosto p. p., uma sessão solene comemorativa do 19.º aniversário da fundação desta unidade. Presidiu o sr. comandante Coutinho Lanhoso, delegado dos Serviços Centrais no Norte, ladeado pelos chefes dos grupos 4, 15 e 91, srs. Artur Lopes, Vidal dos Santos e Arnaldo Couto, respectivamente.

O sr. Alberto Lopes, presidente do grupo, fez a resenha histórica do grupo e agradeceu a presença do sr. comandante Lanhoso, saudando-o, assim como à imprensa e a toda a assistência.

(Conclui na 14.ª página)

Recordo já com saudade não só os dias de acampamento, mas também tantos amigos que deixámos no Brasil — diz-nos o Escoteiro José Eduardo Pena Ribeiro

Parecia-nos que o «Sempre Pronto» não informaria devidamente os seus leitores acerca do Acampamento Internacional de Patrulhas, se não registasse nas suas colunas as impressões de um dos escoteiros componentes da nossa Delegação. Reconhecemos que há uma natural curiosidade em saber o que os rapazes pensam de um empreendimento desta natureza, já que a eles se destina inteiramente. Não nos era difícil satisfazer esta curiosidade, visto que tínhamos em casa quem nos poderia transmitir as desejadas informações. Trata-se do José Eduardo Pena Ribeiro, filho do nosso Director e já nosso colaborador. Dele nos socorremos lançando-lhe logo a primeira pergunta:

— Então, José Eduardo, satisfeito com a viagem?

— Muito satisfeito! Mas outra coisa não era de esperar, visto que desde a nossa partida até ao último dia em terra brasileira, fomos sempre rodeados de um carinho e de um ambiente de simpatia de tal forma agradável que não podíamos senão estar satisfeitos.

— E a bordo? — interrogámos.

— A bordo fomos também carinhosamente acolhidos. A oficialidade e tripulação rodeou-nos sempre de atenções que só terminaram com o desembarque. No regresso, o sr. Comandante levou a sua gentileza ao ponto de convidar o nosso escoteiro marítimo a visitar a ponte de comando e os restantes a casa das máquinas.

— Que impressão colheste da chegada ao Rio de Janeiro?

O nosso entrevistado pensou um pouco e depois disse:

— O que mais nos impressionou foi o entusiasmo com que os portugueses, que aguardavam a chegada do «Santa Maria», nos saudaram e vitoriaram Portugal. Era um entusiasmo contagiante. Foi também muito agradável para nós, receber a visita simpática dos dirigentes do Escotismo brasileiro. Primeiro o chefe Mauro V. Galliez, Comissário Internacional logo seguido do chefe Léo Borges Fortes, que já tínhamos o prazer de conhecer e que com o seu espírito jovial logo por mim perguntou. Depois o Comandante José Araújo Filho, e logo juntos, os chefes João Fernandes Brito e David M. de Barros, delegado do nosso jornal e um grande amigo nosso. Afinal todos foram bons amigos e a todos recordo com saudade.

«Para completar este primeiro contacto com os nossos irmãos brasileiros, ainda encontrámos no cais o sr. dr. João Ribeiro dos Santos, Comissário dos Lobinhos, que se veio a revelar um bom companheiro e um amigo fixe dos portugueses».

— Temos ouvido falar muito da vossa chegada ao Rio de Janeiro e pouco sabemos da recepção em Santos. Que tal foi o acolhimento nesse último porto?

— Não foi inferior ao Rio de Janeiro. Outras caras mas o mesmo afecto e entusiasmo. Estavam ali os chefes João Mós e Henrique Barroqueiro, ambos portugueses, servindo a U. E. B.. O primeiro será conhecido dos leitores do nosso jornal porque já tem colaborado nestas colunas. Também ali se encontravam os srs. Comendador Pereira Queirós, Director da Casa de Portugal; Comandante Matoso, Afonso Salgado, Abel Estrada, J. Sampaio e outros portugueses, todos representantes da Casa de Portugal de São Paulo, que nos receberam com um carinho inexcedível e connosco «mataram» saudades da Pátria.

— Impressões da estadia em São Paulo?

— São Paulo é uma cidade em ponto grande, mas maior ainda foi a amizade de que fomos rodeados ali. A colónia portuguesa foi de uma gentileza sem limites. Alguns dos meus companheiros foram aboletados em casas dos srs. Alberto Temudo, João Cunha Sotto Mayor e Gonçalves Pires. Eu dividi o meu aboletamento pelas casas do sr. Prof. Dr. Eurico de Figueiredo e de seu filho sr. Vasco de Figueiredo, que me acolheram como membro da família e aos quais estou muito reconhecido. Em casa do Prof. Figueiredo estava também o seu sobrinho e meu camarada Eurico.

— Era aprazível o local do Acampamento?

— O Acampamento estava montado numa grande clareira rodeada de bosque por três lados e de represa por outro. Pela primeira vez acampei num local onde se podia abater as árvores que quiséssemos, o que fizemos, para a montagem do nosso campo. Junto à represa havia também uma mata de bambus que também estávamos autorizados a cortar.

— Muita camaradagem, fizeste muitos conhecimentos?

(Continua na página 12)

O sino Escoteiro

do Acampamento Internacional de Patrulhas

Todos os toques no Acampamento foram dados pelo sino do glorioso couraçado «São Paulo». Era ao toque das badaladas deste Sino, que subiam e desciam na Arena as bandeiras das Nações representadas.

O sino, oferecido aos Escoteiros, tem tradições gloriosas para São Paulo e tem também tradições Escoteiras. Estas são resumidas assim no «A. I. P.», jornal de Campo do Acampamento:

1907 — Roberto Baden-Powell, com alguns filhos de seus amigos, acampa pela primeira vez na Ilha de Brownsea.

Alongando a vista, pela neblina do estuário, vê-se num estaleiro o esqueleto de um gigante de aço. Passeiam pelos andaimes jovens oficiais brasileiros que acompanham a construção do maior couraçado da época, o «São Paulo».

Estes oficiais, entre o ferro em brasa dos rebites que vão sendo cravados e a faina que ia pelo estaleiro, observam curiosos a passagem dos meninos do jovem general, herói de Mafeking.

1908 — Cresceu o «São Paulo», cresceu o movimento escoteiro.

1909 — Ainda no tombadilho incompleto, já decidiram os seus oficiais organizar escotismo na sua terra.

1910 — A proa do couraçado gigante corta as águas apontando para o Brasil, em sua viagem inaugural. Segue no seu bojo, também, o ideal de Baden-Powell.

O sino de bordo lembra, em seus quartos, a promessa de fundar-se o movimento no outro lado do Atlântico, o que é feito logo depois da chegada. Desta pequena iniciativa traduziu-se o movimento organizado em 1914, em São Paulo, que marcou o início oficial do escotismo em nossa terra.

1954 — Interlagos, planalto de Piratininga...

Numa arena regurgitando de jovens de todo o Brasil, de todas as Américas e de países longínquos, quando sobem as bandeiras nacionais, vibra novamente o bronze daquele mesmo sino que, com a mesma idade, viu nascer o Escotismo em Brownsea.

JOSÉ SPINA
Chefe Escoteiro

• • o • •

Este número foi visado pela Comissão de Censura.

Recordo já com saudade não só os dias de Acampamento, mas também tantos amigos que deixámos no Brasil

(Conclusão da 11.ª página)

— Essa foi uma das mais interessantes características do campo. Houve de facto muita camaradagem entre portugueses e brasileiros e, na generalidade, com todos os contingentes estrangeiros. Adquiri algumas amizades com escoteiros, e até com chefes, que se revelaram bons companheiros e dos quais conservo boa recordação. O mesmo aconteceu com os membros da nossa Delegação.

«Conservo um símbolo deste espírito de amizade do A. I. P.. No Fogo de Conselho de Encerramento, aguardei pacientemente que se apagasse a última brasa da fogueira e trouxe-a comigo. Essa brasa está apagada, mas representa o calor da amizade escoteira que jamais se apagará no Mundo».

— Que acontecimento no campo mais te impressionou?

— O que mais me impressionou foi o arrear da bandeira portuguesa no dia 31, dia destinado à visita do público. O sinal de içar e arrear as bandeiras das nações era dado pelo sino do glorioso couraçado São Paulo, oferecido aos escoteiros. Quando soavam as badaladas, todos os escoteiros, em que ponto do campo estivessem, se punham em sentido e em continência, dedicando esse momento à lembrança da Pátria. Nessa tarde a bandeira portuguesa arreada pelo Fernando Laranjeira descia vagarosamente no mastro e, antes que ele a pudesse segurar, três senhoras portuguesas agarraram-na e beijaram-na enquanto as lágrimas corriam copiosamente pelas faces, comovendo todos aqueles que assistiam ao acto e forçando, com o seu enternecido gesto, a cerimónia a demorar-se mais do que era costume. A atitude destas senhoras provocou uma extraordinária ovação a Portugal, com vivas e palmas, da parte de muitos escoteiros e muitas centenas de visitantes.

— Tècnicamente qual foi a melhor Delegação estrangeira?

— É uma pergunta difícil, porque o trabalho do meu campo não me permitiu apreciar devidamente o trabalho das outras patrulhas. Contudo, gostei muito do trabalho dos chilenos, que eram meus vizinhos, embora não possa afirmar que foram os melhores.

— E as patrulhas portuguesas agradaram?

— Eu sou suspeito, portanto, não direi a minha opinião pessoal. Mas posso afirmar que tanto o nosso chefe de subcampo, como outros dirigentes e chefes de Acampamento, nos consideraram *a melhor turma estrangeira* e até o nosso chefe recebeu uma placa em que essa afirmação é feita por um dos mais notáveis chefes da Nação irmã.

— Então vocês vêm todos *babosos?*

— Tanto não, mas vimos satisfeitos por vermos coroados de êxito os nossos esforços e do nosso chefe que, com o seu conselho e interesse, bastante nos ajudou. Fizemos todos o melhor que pudemos, para honrar o Escotismo português.

— Quais foram os trabalhos que apresentaram no vosso campo?

— Armámos a nossa tenda sobre estacas, com dois metros de altura, chegando a estar lá em cima 14 pessoas. Quisemos fazer um mirador com dois pisos para se avistar todo o Acampamento, mas como não tivemos tempo de acabar e não nos chegaram as espias, ficou só com o primeiro piso a 1,5m. de altura. Fizemos um armário para loiça, uma mesa de campo e a cozinha.

— E a outra patrulha, que fez?

— Apresentou trabalhos interessantes, como um mirador feito de bambus que atingiu uma altura de, talvez, uns 4 metros. Um cabide à entrada para as visitas colocarem o chapéu, uma mesa e a cozinha. Apresentaram ainda uma porta aproveitando a construção do mirador.

— E foram apreciados os trabalhos?

— Muito apreciados, tendo despertado a curiosidade dos visitantes.

— Tiveram muitas visitas os vossos campos?

— Nesse capítulo fomos até privilegiados. Tivemos muitas visitas. Especialmente os portugueses visitaram-nos e levaram-nos bolos e doces saborosíssimos.

— Gostaste dos Fogos de Conselho?

— Gostei muito. Principalmente dos números folclóricos apresentados. E nós também apresentámos, além de canções, um «vira», que foi muito aplaudido e mereceu a atenção da imprensa que nos fotografou e publicou gravuras nos seus jornais.

— Portanto, estás satisfeito?

— Muito satisfeito mesmo. Recordo já com saudade não só os dias de Acampamento, mas também tantos amigos que deixámos no Brasil. Peço ao «Sempre Pronto», para ser intérprete do meu reconhecimento a todos.

E. J.

História curiosa de uma fotografia

Em 1929, uma senhora fidalga de Ponta Delgada, desejosa de dar uma educação eficiente a um seu filho, escreveu à Associação dos Pais da América sobre o filho e pedindo conselho. Esta Associação aconselhou o Escotismo e a referida senhora escreveu à *Boy Scouts of América* pedindo esclarecimentos sobre a possibilidade de fundar um Grupo em Ponta Delgada.

A Associação americana encaminhou o pedido para a Repartição Internacional de Escotismo e esta apresentou a referida senhora à Associação dos Escoteiros de Portugal. Depois de diversas instruções e esclarecimentos prévios por correspondência, a senhora convidou um Dirigente escoteiro a ir aos Açores tratar directamente da organização do Grupo de Escoteiros.

O chefe indicado foi o sr. Albano da Silva, que se fez acompanhar do chefe Edmundo Lima Basto, hoje ilustre professor de cirúrgia. Nessa altura, foi tirada uma fotografia em que o aspirante a escoteiro, filho da senhora fidalga, se encontra ao centro.

O chefe David M. de Barros, passou em Lisboa nesse ano e achou este facto tão interessante, uma senhora interessar se pela fundação de um Grupo de Escoteiros na sua cidade para nele fazer ingressar o seu filho e auxiliar a sua educação, que pediu a fotografia para acompanhar um artigo a publicar num jornal brasileiro.

Albano da Silva mostrou-se interessado na fotografia e perguntou quando a devolvia, ao que David de Barros retorquiu: «Quando você a for buscar ao Brasil».

E, 25 anos depois, Albano da Silva, foi ao Brasil. David de Barros cumpre escoteiramente a sua promessa e devolve a fotografia com a seguinte dedicatória:

«Cumprindo a promessa, feita em 1929, de entregar esta fotografia ao prezado irmão escoteiro Albano da Silva, se ele a viesse buscar ao Brasil, aqui a restituo, com minhas sinceras felicitações pelo brilhantismo da sua actuação à frente dos Escoteiros Portugueses, que muito alto ergueram o nome do Escotismo de Portugal».

20-8-54.

DAVID BARROS

Esta é a curiosa história de uma fotografia originada por um acontecimento interessante, em que o valor do Escotismo é apreciado por uma Mãe preocupada pela educação do filho, história que termina pelo testemunho sincero de um chefe escoteiro competente, acerca da actuação da Delegação de Portugal no Acampamento Internacional de Patrulhas.

Cantinho dos mais novos

«RECORDANDO...»

Havia dois anos que a aldeia esperava ansiosamente a vinda de meu avô Guilherme. Quando ele finalmente chegou, montado numa bicicleta muito velha e tirando o chapéu a tudo e todos, toda a gente veio ver o homem que constava ser o mais valente de todos quantos haviam estado em África...

Sùbitamente, meu avô tornou-se o alvo geral das atenções... A sua irradiante simpatia fazia com que todos o cumprimentassem, enquanto que ele fazia o possível por arranjar conhecimentos. Todas as pessoas da aldeia vieram ouvi-lo contar as suas aventuras, ficando depois pasmadas de tanta coragem... Lá fora, o vento roçava pelas árvores mais de mansinho, as flores ficavam quedas, tudo a ouvir meu avô Guilherme, de longas barbas brancas, sentado num largo cadeirão e deitando fumo do seu cachimbo. Os velhos lamentavam a juventude perdida e o tempo em que podiam ter pegado numa espingarda e matar leões, enquanto os novos começavam a sonhar...

Eu era um dos ouvintes mais atentos de meu avô Guilherme; senti calafrios quando ele matou um enorme leão só com a ajuda das mãos... Todos nós sofremos quando ele nos contou o esforço que fizera para se libertar das cordas que o amarravam à margem de um rio cheio de crocodilos famintos e quando ele foi feito prisioneiro e levado numa piroga, sob a vigilância de um preto selvagem... Os nossos olhos viam panteras ferozes e rinocerontes destruidores que ele matava quase que com um sopro. Durante uma aventura que ele nos contou, chegámos a ver os olhos de um tigre luzindo na escuridão do corredor!

Anos e anos se passaram...

Há dias, meu avô chamou-me junto de si... Passou a sua velha mão sobre os meus cabelos despenteados de rapaz, disse-me adeus e morreu... No entanto, os meus ouvidos lembrar-se-ão sempre da sua voz e das suas aventuras, que ele contava ao serão, começando sempre assim: «Quando eu estive em África...».

JORGE ADOLFO CIERCO
Escoteiro do Grupo 85

Assinar o «Sempre Pronto» é valorizar o movimento escotista.

Mensagem do Comissário Nacional dos Escoteiros do Brasil, Comandante José Araújo, Filho

O nosso objectivo e o nosso êxito

Este Acampamento Internacional de Patrulhas está realizando plenamente os seus objectivos.

Temos vivido dias de bastante alegria e entendimento. Trocas de gentilezas e atenções são factos comuns no nosso campo esmerando-se cada um a ser mais cortês com o seu companheiro. Muitos conhecimentos firmes estão-se estabelecendo enquanto velhas amizades vão adquirindo maior força e expressão. Estamos assim pondo em acção prática o grande ideal da Fraternidade Escoteira Mundial.

Escoteiros do Brasil, da América e do Mundo, homenageando o quarto centenário de São Paulo realizaram uma autêntica festa popular. O Grande Desfile pela cidade constituiu um acontecimento marcante na vida da grande metrópole. A simpatia e o calor dos aplausos populares deram um belo testemunho da compreensão e receptividade com que a alma paulista recebeu a manifestação de afecto dos nossos escoteiros.

Na cerimónia do Pátio do Colégio todos sentimos com emoção que os gritos de saudação das nossas delegações, encontraram vibrante eco nos corações patrióticos do glorioso povo bandeirante.

JOSÉ ARAÚJO, FILHO
Comissário Nacional

Acampamento Internacional de Patrulhas

Relação Geral das Delegações

PAÍSES	Escoteiros	Caminheiros	Chefes	Total
Alemanha	1	—	2	3
Argentina	18	—	15	33
Bolívia	17	3	5	25
Chile	16	1	9	26
Cuba	—	—	1	1
Holanda	—	—	2	2
Japão	—	—	1	1
Paraguai	6	—	1	7
Portugal	14	—	1	15
Síria	—	—	1	1
Uruguai	22	11	4	37
Venezuela	—	—	1	1
Brasil (excepto S. Paulo)	351	22	58	431
S. Paulo	112	16	26	154
Directores Diversos	—	—	11	11
Total	557	53	138	748

O que foi o Acampamento Internacional de Patrulhas

(Conclusão da 5.ª página)

escoteiros brasileiros aos seus camaradas das nações representadas. Entretanto, os escoteiros cruzavam simbòlicamente as mãos, apertando as dos seus camaradas, e a canção do «Adeus» ecoou na vasta arena. Tinha terminado o Acampamento Internacional de Patrulhas, uma bela jornada de amizade e de confraternização dos escoteiros de diversos países, em que Portugal foi o único País de fora do Continente Sul-Americano que enviou um contingente.

DO ENTRONCAMENTO

Grupo n.º 84

A Banda tem dado novos concertos no Jardim-Parque, sempre com agrado de assistências numerosas e sob a hábil regência do maestro José Leitão Franco.

O grupo realizou uma marcha de 10 quilómetros até ao Castelo de Almourol, no passado dia 8 de Agosto, tendo acampado ali. — C.

Campanha para novas assinaturas

O período de férias interrompeu um pouco a nossa campanha de novas assinaturas, no entanto, continuámos a registar mais algumas.

Directamente, foram-nos solicitadas	4
Nomes indicados à experiência e assinaturas aceites	15
Por intermédio do E. C. sr. Albano da Silva	1
	20
Tinhamos registado 111 assinaturas, mas uma das que fora indicada no n.º 111, não foi confirmada, portanto	110
Total	130

Queremos alcançar, pelo menos, 200 novas assinaturas, afim de podermos continuar a melhorar a publicação.

Esperamos a cooperação dos nossos estimados leitores.

Os Escoteiros incorporaram-se nas comemorações do 79.º aniversário dos Bombeiros Voluntários do Porto

No dia 29 de Agosto passado, os Bombeiros Voluntários do Porto assinalaram a passagem do seu 79.º aniversário com várias cerimónias, entre as quais avultava um desfile até à praça do Infante D. Henrique, em que tomaram parte, além de muitas colectividades, as corporações de Bombeiros de grande número de localidades do norte do país.

Os escoteiros tiveram ensejo de manifestar o seu apreço pelos Bombeiros do Porto, participando no desfile com um contingente chefiado pelo E. C. António Pinto Moreira. O Corpo Nacional de Escutas também esteve presente, com uma formação dirigida pelo comissário Regional do Porto, dr. José Francisco dos Santos.



O ESCOTISMO ATRAVÉS DO MUNDO

INGLATERRA

O Acampamento Internacional de Torquay

Conforme o nosso jornal noticiou, realizou-se em Torquay (sul de Inglaterra) um acampamento internacional. O escotismo jugoslavo esteve representado ùnicamente por um jovem de 12 anos de idade: Jurica Leibhardt. No entanto, ele não se atemorizou por esse facto e deixou boa impressão em todos os que com ele contactaram.

• • o • •

A viagem à Metrópole dos Escoteiros do Grupo «Diogo Cão» de Luanda

A viagem dos escoteiros de Angola, que vêm a Lisboa entregar uma mensagem a Salazar, tem prosseguido, apesar de diversas dificuldades resultantes de avarias na sua carripana de 4 cilindros, fabrico de 1928. Apesar disso, os rapazes têm mantido o seu entusiasmo e até mesmo aproveitado oportunidades para praticar a sua Boa Acção, auxiliando outros viajantes que encontraram em apuros.

Um dos rapazes, por motivos particulares, regressou a Luanda, mas os restantes três prosseguem viagem. Foram acolhidos com muita hospitalidade por belgas e franceses, e os portugueses têm-nos acarinhado particularmente.

Os Escoteiros partiram de Luanda apenas com 400$00 e encontram-se agora em Bondo e preparam-se para atravessar o deserto de Seará. Os rapazes estão resolvidos a seguir viagem, a qual é, porém, muito arriscada. O deserto é enorme e difícil de transpor. Se uma avaria imobiliza a carripana em pleno areal, as consequências serão trágicas.

Desejamos-lhe sinceramente uma viagem feliz e a protecção de Deus.

• • o • •

Os Escoteiros de Portugal e a Imprensa brasileira

A imprensa brasileira acolheu com viva simpatia a delegação portuguesa ao Acampamento Internacional de Patrulhas, referindo-se elogiosamente aos nossos escoteiros, publicando entrevistas e fotografias, destacando-se, entre outros, os seguintes diários:

Gazeta Esportiva, Última Hora, O Tempo, A Gazeta, Folha da Noite, O Estado de S. Paulo, O Dia, Diário da Noite, O Mundo Português e a Folha da Tarde, todos de S. Paulo. Voz de Portugal, O Dia, Diário Carioca, A Noite, Jornal do Brasil, Vanguarda, Correio da Manhã, O Radical, A Notícia, Jornal do Comércio e O Globo, do Rio de Janeiro.

O Diário Oficial do Governo Brasileiro publicou o texto do telegrama que o nosso contingente enviou ao sr. Presidente da República.

• • o • •

PALAVRAS CRUZADAS

(Solução do problema de Junho)

Horizontais: —1—Tecelão. 2—Lúcio. 3—Ob; com; ma. 4—Beró; oral. 5—Ibo; ore. 6—Tala; magnete. 7—Os; zombar; ut. 8—Fadas. 9—Perorei.

Verticais: —1—Lobitos. 2—Bebas. 3—El; rol; fé. 4—Cuco; arar. 5—Eco; ido. 6—Limo; irar. 7—Ão; rom; SE. 8—Maau. 9—Valente.

PELOS GRUPOS

(Continuação da 10.ª página)

Falaram também os chefes srs. Vidal dos Santos e António Pinto Moreira, este da unidade em festa, que se referiram ao recrudescimento do Escotismo na Região Norte.

Foram apresentados vários números, entre os quais o diálogo «O Escoteiro», primorosamente ensaiado pelo grande amigo sr. António Possidónio da Silva.

O chefe e o subchefe do 44, srs. Moreira e Joaquim Rocha Saraiva, assim como os escoteiros Ildeberto, Noel e Francisco, receberam a medalha do 40.º aniversário da A. E. P., depois do que o sr. delegado dos Serviços Centrais disse da sua satisfação por assistir a festas escotistas, encerrando-se a sessão com o Hino Nacional. — C.

40.º aniversário do Grupo N.º 7

No campo de S. Domingos de Benfica, no passado dia 15 de Agosto, reuniram-se com o Grupo N.º 7 os antigos e actuais escoteiros e suas famílias, para festejarem o 40.º aniversário da fundação do «7». Entre os convidados estava presente o antigo Chefe José da Conceição Rodrigues. A parte da manhã, depois da cerimónia do içar da bandeira, foi aproveitada para jogos e mais provas de classe.

À tarde, realizou-se a Festa de Campo no decorrer da qual foi entregue ao Chefe José da Conceição Rodrigues a medalha comemorativa do 40.º aniversário da A. E. P. que foi pedida por aquele Grupo aos Serviços Centrais, e, depois de terem prestado compromisso os aspirantes e terem sido entregues distintivos, foi servido um chá, motivo de confraternização de todos os escoteiros e suas famílias.

• • o • •

O 20.º aniversário do Grupo n.º 94

Esta unidade escotista, que há 20 anos se fundou no bairro da Ajuda, iniciou as comemorações do seu aniversário com um acampamento que se realizou em 2 e 3 de Outubro corrente, no lugar da Senhora da Rocha. Neste acampamento prestaram Compromisso de Honra os novos escoteiros Gilberto Costa, Francisco Craveiro Esteves, José Albino da Cunha Andrade, Vítor Silvestre e Rui Alexandre da Costa e Silva.

Receberam também as suas patrulhas como guias das patrulhas «Cão», «Águia» e «Veado», respectivamente os escoteiros Eduardo Pacheco Campos, Armando García Inácio e José Eduardo Pena Ribeiro.

O Grupo, que entrou numa fase de reorganização e maior actividade, conta também agora com mais dois dirigentes. O antigo instrutor do Grupo 60, Idílio de Oliveira Gonçalves, foi nomeado Chefe da Divisão Escoteira (Tribo), e o Caminheiro Júlio Maria Reis, Chefe da Divisão de Caminheiros (Clã).

Durante a festa de campo foram empossados os novos guias de patrulha e Chefes de Divisão. Nesta altura do programa, chegaram ao campo, em excursão, escutas do Grupo 68 do C. N. E. que se associaram à festa tendo cantado e saudado o «94» com os seus gritos.

As comemorações do 20.º aniversário vão prosseguir com outras cerimónias. Por ocasião da sessão solene vai ser entregue ao Grupo uma nova bandeira oferecida pelos seus Antigos Escoteiros, para o que estão sendo recolhidas ofertas. Entre as importâncias já registadas conta-se uma oferta de 100$00 de um escoteiro fundador, bem como outras cuja relação publicaremos no próximo número.

Transcrições do "Sempre Pronto"

O jornal «A Voz» deu-nos a honra de, no seu número do dia 25 de Agosto p. p., transcrever o nosso editorial «Higiene na Aldeia».

Agradecendo a audiência que nos é feita, rectificamos que o «Sempre Pronto» não pode pertencer à Imprensa da Província, como a epígrafe da secção onde o artigo foi inserto pode dar a entender, mas é um jornal que, como aquele nosso estimado Colega, se publica na Capital do nosso País.

• • o • •

FILATELIA ESCOTEIRA

Os Correios do Brasil publicaram um selo comemorativo do Acampamento Internacional de Patrulhas, da taxa de Cruzeiro $1,20. Trata-se de um vulgar selo do tipo brasileiro, impresso a azul claro sobre papel branco, com a insígnia do Centenário de S. Paulo e a estátua do Escoteiro de que publicámos uma gravura no último número e que foi oferecida pelas crianças do Chile em reconhecimento do auxílio prestado pelos escoteiros do Brasil por ocasião dos terramotos que há anos afligiram aquele país.

• • o • •

Dos amigos do "Sempre Pronto"

Saudação — O nosso caro amigo sr. Eng.º Frederico Kreindl, de Linz, Áustria, um bom companheiro do «Jamboree» de 1951, em viagem por Itália, teve a gentileza de nos enviar um postal de saudações. Agradecemos e retribuímos com simpatia.

● **Nascimento**—O lar do nosso estimado amigo e assinante sr. José Ferreira Fernandes e de sua Esposa, dirigente do Corpo Nacional de Escutas em S. Miguel das Aves, foi enriquecido com o seu quinto filho, a quem desejamos as maiores venturas, apresentando os parabéns aos felizes pais.

• • o • •

Tema escotista apresentado no Acampamento de Guias do Algarve

No nosso número de Junho publicámos o tema apresentado no referido acampamento e sugerimos que os Guias nos mandassem a solução, cooperando assim no empreendimento dos grupos da Região Sul. A melhor resposta seria galardoada com um prémio.

Só um Guia, José Pedro Baptista Contreiras, do Grupo 60 de Vila Real de Santo António, nos mandou uma solução. Remetemo-la ao Chefe Pina, que dirigiu aquele acampamento, para classificação. O Chefe foi de parecer que a prova apresentada tinha algum mérito, mas não era de atribuir o primeiro prémio, tanto mais que se tratava de um guia de um grupo que já conhecia o problema.

No entanto, o guia Contreiras merece o nosso louvor por não ter deixado sem resposta o nosso apelo. Agradecemos-lhe e saudamo-lo com amizade.

ANTIGOS-ESCOTEIROS

Eng. Paulo de Barros

Este nosso estimado assinante, regressou há pouco do Brasil, onde se deslocou como membro da delegação portuguesa à Conferência Mundial de Energia.

A nossa delegação, que se conduziu com raro brilho naquela reunião internacional, teve no sr. Eng.º Paulo de Barros um dos seus mais distintos e valorosos representantes.

Apresentamos ao nosso estimado assinante as nossas boas vindas e as felicitações pelo êxito da sua espinhosa missão.

Os «caçadores» e as «feras»

Interessante jogo nocturno realizado pelo Grupo n.º 6

O grupo n.º 6, de Olhão, efectuou este Verão um animado jogo nocturno, de que damos relato aos nossos estimados leitores:

Espalhados pelo Mato Joinal que é bastante extenso, havia três acampamentos devidamente delimitados por espias. Em cada um deles, encontrava-se uma tenda e um candeeiro aceso, colocado no chão, simbolizando uma fogueira. Dois escoteiros faziam de «caçadores», acampados numa selva cheia de animais ferozes, os quais estavam alerta, pois sabiam que as «feras» (escoteiros de três outras patrulhas) tentavam penetrar no acampamento.

Os «caçadores» não deviam sair dos seus acampamentos, mas, como não podia deixar de ser, estavam munidos projécteis (bolas de papel). Desde que uma «fera» fosse atingida, tinha de jazer no local até o termo do jogo. Esta condição, fazia com que as patrulhas agissem com toda a prudência e em conformidade com planos prèviamente estabelecidos por elas.

As «feras» tinham que entrar no terreno dos acampamentos e colocar nele um pequeno pau com um cartão, onde se encontrava escrita a alcunha escotista do seu possuidor, e retirar sem serem atingidas.

A cada patrulha de «feras» correspondia um único acampamento, prèviamente designado.

Após hora e meia de jogo, soou o sinal para o seu termo e apurou-se, então, que sòmente a patrulha «Andorinha» tinha logrado penetrar no campo que lhe fora destinado, pelo que foi considerada vencedora do jogo.

Um caso digno de registo: os únicos a entrarem nos acampamentos, portanto os virtuais vencedores deste jogo, são dois aspirantes da patrulha «Andorinha».

ESCOLA DE CHEFES

Conforme estava anunciado, realizou-se no passado dia 23 de Agosto a abertura oficial da Escola de Chefes da nossa Associação.

Esta primeira aula teve a presença do nosso Chefe-Geral, sr. Comodoro Duarte Silva, que era ladeado pelos srs. Secretário-Geral, Chefe das Relações Internacionais, Chefe-Geral Adjunto e outros elementos da Direcção da A. E. P..

O Chefe Geral, na primeira palestra que iniciou este Curso, teve o cuidado de lembrar que todos deviam recordar a doutrina do nosso Fundador e pediu que todos seguissem com entusiasmo o Curso, para que se finalizasse com êxito.

Por determinação da Direcção da A. E. P., foi confiada ao Chefe-Geral Adjunto, Luís Grau Tovar de Lemos, a direcção da Escola, a qual, de princípio, se realiza todas as segundas-feiras, na sede dos Serviços Centrais, das 21 ½ às 23 horas.

Registou-se com agrado a comparência de quase todos os alunos inscritos.

* * *

Têm continuado todas as Segundas-feiras as reuniões do Curso de Chefes. O sr. Antero Nobre apresentou duas lições sobre a História do Escotismo e Baden-Powell, e o sr. Pedro Nunes versou o tema «Espírito de Observação». A quinta palestra do Curso esteve a cargo do nosso Director que falou sobre «A Boa Acção Colectiva».

UM PROBLEMA DIFÍCIL

O Carlos foi mais feliz na solução do problema difícil que lhe foi apresentado pelo João. Dois dos nossos leitores, o sr. Fernando dos Santos Cruz Coelho, do Entroncamento, e o chefe Jacinto dos Reis Moniz Silva, de Angra do Heroísmo, ajudaram-no a resolver o caso que, diga-se em abono da verdade, não era muito difícil. *Os dois chineses constituíam um casal e eram, portanto, marido e mulher.*

O Carlos ficou radiante por ter podido encontrar a chave do problema e na reunião seguinte trouxe «outra», dizendo: — Ó João! Descobre lá esta:

Como tu sabes eu confeço muita gente e até confeço grandes caçadores. Ora um caçador meu amigo, exímio a caçar ursos, partindo há dias do ponto "A" andou 10 quilómetros para o Sul, findos os quais parou para comer o seu farnel. Depois andou outros 10 quilómetros para Este e, então, matou um urso. Em seguida andou outros 10 quilómetros para o Norte e encontrou-se no ponto de partida "A". De que cor era o urso? Porquê?

O João não ficou muito satisfeito com o problema, que não vê maneira de resolver. A esperança dele é que algum dos nossos leitores venha em seu auxílio.

* * *

O sr. Fernando Cruz e o Chefe Moniz Silva vão receber uma pequena lembrança por terem resolvido o último problema. Os leitores que auxiliarem o João a resolver este problema, receberão igualmente uma pequena lembrança.

Folhetim do "SEMPRE PRONTO" N.º 7

UMA AVENTURA NA RÚSSIA

POR MARIA E. ROPES • Trad. de *J. S. CANUTO*

O cocheiro fez com que o cavalo tomasse a direcção oposta, e, dando-lhe uma vigorosa chicotada, obrigou-o a galopar.

— Para onde nos levas? — perguntou, por fim, Alfredo.

— Já vais ver — replicou o homem, com uma gargalhada brutal.

—Podes ter a certeza, grande patife — disse o rapaz com indignação, — de que tu e os teus companheiros hão-de receber a recompensa de tudo isto. Meu pai foi sempre um patrão justo e bondoso para os seus operários; e estes hão-de, sem dúvida, ter o pago da sua ingratidão.

— Não cantes tão alto, meu franganote — disse o homem em ar de escárnio, ao mesmo tempo que aquele seu cruel e constante sorriso, que a cicatriz lhe fazia ter, parecia ter-se-lhe espalhado por todo o rosto. — Aos galos novos, que incomodam muito, costuma-se torcer o pescoço.

— Aos galos velhos e mofinos é que se faz sempre isso — disse o rapaz, nada atemorizado; — e tu, se Deus quiser, não hás-de escapar também um belo dia; e, quanto mais depressa isso acontecer, melhor.

— Já vamos ajustar contas, meu fidalguinho! — vociferou o homem, falando por de sobre o ombro. — Não tens de esperar muito pela tua vez. Com que então, eu sou um grande patife? É mais uma amabilidade que tenho de te agradecer, meu macaquinho enfatuado.

Já passava das três horas no relógio de Alfredo, quando, no meio de um pinhal, o Cicatriz-vermelha fez parar o estafado cavalo à porta de uma tosca habitação, espécie de cabana de rachadores de lenha, construída de troncos de pinheiro rudemente aparelhados com o machado, achando-se todas as fendas tapadas com musgo e líquen.

Da chaminé saíam rolos de fumo que adquiriam formas fantásticas, para depois se dispersarem na atmosfera.

— Desçam — disse ele, saltando do estreito banco em que vinha empoleirado, tirando de sobre os dois jovens ocupantes do veículo a pele que os havia resguardado do frio.

— Onde estamos nós? — perguntou Eduardo, a tiritar sobre a neve de que estava coberta a pequena clareira em cujo centro se erguia a choupana.

O homem, porém, não se dignou responder. Aproximou-se da porta, e bateu com o cabo do chicote.

A referida porta abriu-se, mostrando o interior da choupana, que se achava iluminado, e quem havia de estar junto da soleira senão... Estevão, o acondicionador das barricas! «Entrem, entrem!» exclamou ele, mostrando um certo contentamento ao ver os rapazes, que estavam parados à entrada a tremer de frio. «Há ali um bom lume no fogão, e eu vou fazer chá para vos aquecer. E com respeito aos cavalos, Gavril?», acrescentou ele, voltando-se para o Cicatriz-vermelha, cujo verdadeiro nome os rapazes ouviam agora pela primeira vez.

— Gavril é o mesmo que Gabriel na nossa língua, Eduardo — disse Alfredo, esboçando um sorriso. — E tem muito de arcanjo este figurão, pois não achas?

— Os cavalos — repetiu o Cicatriz-vermelha de junto da porta; — ficam perfeitamente no telheiro. Há lá muita palha, e todas as fenda estão tapadas; além disso, consertei a porta, que se fecha agora com facilidade. Preveni-me também com feno e cevada — ajuntou ele, aproximando-se do trenó, e tirando da parte anterior do mesmo dois sacos cheios. — Serviram-me de escabelo — disse ele — e aqueceram-me os pés.

Estevão, enquanto o seu companheiro se ocupava dos cavalos, tratou de preparar o chá.

Um amigo inesperado

Estevão tirou de uma tosca prateleira que se estendia ao longo de uma das paredes um volumoso pão, redondo e escuro, um prato de manteiga, e uns copos de folha que podiam bem levar meio litro cada um. Partiu umas poucas de fatias de pão com manteiga, que foi pondo num prato grande, de madeira. Deitou então o chá, e puxou um banco para junto da tosca mesa que ocupava o centro do compartimento.

Os rapazes tomaram de boa vontade lugar à mesa, pois estavam gelados e com muita fome; e Eduardo ia já a tomar um gole de chá, quando Alfredo lhe segurou a mão.

(Continua no verso)

MATERIAL MODERNO PARA ACAMPAMENTO



A «TECNICAMPO»

casa especializada em tudo para campismo, apresenta-vos sempre o maior sortido em:

Tendas de todos os modelos, Sacos alpinos com armação, Mochilas, Sacos de dormir, Bornais, Bolsas, Facas de Mato, Cantinas, Cantis, etc., etc.

Antes de adquirir material consulte sempre a

TECNICAMPO, L.DA

Rua da Conceição, 13-1.º—Telef. 21917—LISBOA

(Desconto de 10 % aos Escoteiros)

BORRACHA

O maior sortido de todos os artigos de borracha, tais como:

Pneumáticos
Colchões de espuma
Almofadas de espuma
Sacos para água quente
Mangueiras para rega
Tapetes para casa de banho
Sacos para gelo
Esponjas para banho
Elásticos
Tubos para gás, etc.

CASA DOS PNEUS

RUA DA PRATA, 132

LISBOA

— Não te esqueças de dar graças — disse ele, e, curvando a cabeça e cerrando os olhos, disse numa suave entoação. «Damos-te, ó Senhor, graças por esta comida; tem cuidado de nós, e de aqueles a quem amamos, por amor de Jesus. Amen».

Os rapazes estavam assentados um ao pé do outro num dos extremos da mesa, em frente do Cicatriz-vermelha e de Estevão; e Alfredo, que de vez em quando lhes deitava um rápido olhar, não podia deixar de notar o contraste que havia entre aqueles dois homens, que ele agora considerava seus carcereiros. E experimentava uma certa sensação de alívio quando, depois de fitar o aspecto selvático de Gavril, se voltava para Estevão, que era um homem claro, de olhos castanhos e barba negra.

Estevão, como Alfredo sabia por o ouvir dizer ao pai, tinha sido, na sua especialidade, um habilíssimo operário, ganhando muito bom dinheiro. E por essa razão o rapaz perguntava a si próprio como é que ele se havia associado a um selvagem como Gavril, e se havia tornado inimigo de um patrão tão bom como Tomás Oliver tinha sido sempre.

Quando a refeição estava prestes a terminar, o Cicatriz-vermelha saiu da choupana para ir buscar uma porção de neve a fim de a derreter, ficando assim abastecidos de água durante a noite, e Alfredo animou-se a falar a Estevão naquele assunto que lhe oprimia o coração.

—Sr. Estevão—disse ele—sei que posso dirigir-me a si, porque o senhor é muito diferente do outro. Diga-me, pois: o que foi feito dos nossos pais e da nossa criada Niánia?

—Palavra de honra que não sei, menino — replicou Estevão.— Quando Gavril e eu transportámos Antão, inconsciente, para sua casa, o patrão ficou estendido no sofá do escritório; ligámo-lo sòlidamente, mas não lhe fizemos mal algum. Quando, meia hora depois, voltámos, já ele tinha desaparecido. Quanto à chave do cofre, Antão descobriu-a, e estava a mostrar-no-la quando de súbito caiu desamparadamente no chão, e desde esse momento nunca mais a vimos. Também não encontrámos a senhora e a aia, quando subimos ao andar de cima, e sabemos tanto o paradeiro delas como o menino. Só do que tenho quase a certeza é que se retiraram antes da chegada daquela turba-multa composta da pior gente que havia na fábrica, e que, a cair de bêbeda, revolveu a casa toda.

— E que fez meu pobre pai, diga-me, Estevão — exclamou Alfredo—para que se revoltassem contra ele? Que, por exemplo, lhe fez ele a si?

— Ah, meu caro senhor, ainda é quase uma criança; não pode compreender estas coisas. O meu motivo de queixa não era partilhado pelos outros, nem era mesmo conhecido deles. Tomei parte no motim, mas sòmente por conveniência própria.

— Diga-nos, Estevão, qual era o seu motivo de queixa — interrogou Alfredo, e Eduardo repetiu as suas palavras.

— Conhece o meu irmão mais novo, Panfílio?—perguntou Estevão.

— Um que esteve a trabalhar na fábrica há cerca de um ano?

— Exactamente—replicou Estevão.—Esse meu irmão, porém, começou a dar-se com más companhias, e uma noite foi encontrado pelo patrão com uma enorme bebedeira, caído no chão da refinaria, e tendo a seu lado um cachimbo, que não tinha acabado de fumar.

— Creio—interrompeu Alfredo—que o encargo dele era conservar-se de guarda a esse ponto da fábrica e, acima de tudo, ter o máximo cuidado em afastar todo e qualquer perigo de incêndio, evitando assim uma enorme desgraça. Ouvi muitas vezes o meu pai dizer que era estritamente proibido fumar dentro da fábrica.

— Era—disse Estevão,—e Panfílio praticou um acto deveras censurável; contudo, devemos ter em conta que era muito novo, e que havia caído nas mãos de outros mais viciosos, posto que mais espertos do que ele; mas o patrão despediu-o imediatamente. Supliquei que lhe perdoasse, mas debalde. Panfílio foi para o meio da rua. Depois, caído no desespero, foi de mal a pior, e actualmente está na cadeia por causa de um assalto seguido de assassínio, e é muito possível que seja condenado à morte. Nunca me poderei esquecer de que toda esta desgraça se poderia ter evitado se o papá dos meninos não fosse tão rigoroso para com o pobre rapaz, se lhe tivesse concedido uma oportunidade de se regenerar.

— Suponha, porém — insinuou Alfredo — que a embriaguês ou o descuido de Panfílio dava lugar a uma medonha catástrofe, e que por sua causa havia perdas de vidas e prejuízos enormes! Não seria o meu pai acusado, e com razão, de ter ao seu serviço um homem em quem não se podia ter confiança? Ah, Estevão, esse seu ressentimento é injusto e indigno de um homem de bem.

— O nosso pai foi muito bom para si quando o atacou aquela febre — disse, por seu turno, Eduardo. — Ia vê-lo todos os dias, e a nossa mãe mandáva-lhe do que tínhamos para o jantar, para que o senhor adquirisse forças. Já se esqueceu disso?

(Continua)